

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

RAFAEL ADRIANO MARQUES

**Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de *Parkour*  
em São Paulo**

São Paulo  
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de *Parkour*  
em São Paulo**

Rafael Adriano Marques

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

São Paulo  
2010

**Para Maria, Messias, Benedita e Claudete**

## **Resumo**

Esta dissertação apresenta o estudo etnográfico sobre as práticas de *Le Parkour* realizado em São Paulo. Essa nova prática corporal urbana de origem francesa vem ganhando adeptos no mundo todo, principalmente após o advento dos *sites* de armazenamento de vídeos na *internet*. Esse estudo pretende traçar um breve histórico das relações entre corpo e cidade tendo como fio condutor da narrativa os lazeres urbanos. Para tanto, almeja-se apresentar as especificidades do *Parkour* nesse contexto. Ao historicizar o surgimento dessas novas práticas corporais, pretende-se elencar a hipótese de que elas são marcadas pela passagem da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”. Finalmente, o estudo pretende lançar mão da ideia de construção lúdica da cidade em contraponto à noção de apropriação do espaço urbano.

Palavras-chave: Antropologia Urbana, Cidade, Lazer, Corpo, Espaço Público.

## **Abstract**

This work introduces an ethnography study about the practice of *Le Parkour* performed in São Paulo city. This new corporal urban practice, native of France, is been gaining adepts from worldwide, especially after the emergence of video hosting sites on the internet. This study aims to provide a brief historical about the relationship between body and city, using the urban leisure as a point. For this, pretends to present the specificities of *Parkour* in this context. By historicizing the emergency of this news practices, intend to defend the hypothesis that they are marked by the passage of “disciplinary society” to “control society”. Finally, the study pretends to use the idea of ludic construction of the city in contrast to the notion of appropriation of urban space.

Keywords: Urban Anthropology, City, Leisure, Body, Public Space.

## **Agradecimentos**

A ideia inicial desse trabalho foi gestada nas discussões realizadas no Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Gostaria de agradecer cada membro do NAU por proporcionarem um ambiente agradável e estimulante para pesquisa. A troca de experiências no interior do núcleo foi fundamental para a consolidação do tema de pesquisa. Agradeço de modo individual ao professor José Guilherme Cantor Magnani, orientador desse trabalho, pelo incentivo à pesquisa, mesmo quando as ideias ainda eram confusas.

A dedicação integral à pesquisa só foi possível graças à bolsa de mestrado concedida pela FAPESP.

Ao professores Luiz Henrique de Toledo e Fraya Frehse, presentes no exame de qualificação, pelas críticas e comentários que ajudaram a orientar o bom andamento da pesquisa. Agradeço também ao professor Júlio Simões pelas aulas sobre Foucault que serviram como base para abordar esse autor.

Finalmente, agradeço imensamente o apoio de familiares e amigos. Só eles sabem o quão foi difícil completar essa jornada. Eles são responsáveis pelas qualidades dessa pesquisa, as deficiências são inteiramente responsabilidade do autor.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - <i>Traceur</i> treina na escultura	06
FOTO 2 - David Belle com a <i>Dame du lac</i> ao fundo.	06
FOTO 3 - <i>Traceur</i> treina “salto de precisão” no Parque Sampaio.	19
FOTO 4 - <i>Traceur</i> escalando muro atrás do prédio da Bienal	51
FOTO 5 - <i>Traceur</i> treina em estrutura montada pela prefeitura no encontro.	66
FOTO 6 - <i>Traceur</i> ultrapassa obstáculo no Parque	67
FOTO 7 - <i>Traceurs</i> aguardam demais usuários para realizar um salto de precisão	68
FOTO 8 - Detalhe de estrutura similar à montada na oficina	73
FIGURA 1- Banner de apoio que pode ser encontrado em vários sites de grupos que apoiam o conteúdo do manifesto.	12
FIGURA 2 - banners brasileiros de apoio ao manifesto	13

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1: DOS SUBÚRBIOS FRANCESES PARA O MUNDO VIA <i>WEB</i> .....	04
1.1. David Belle e Sébastien Foucan: início comum em Lisses.....	05
1.2 “Corra sem rivais”: a competição como elemento deturpador da prática .....	11
1.3 “The world is your playground”: o devir-criança do <i>traceur</i> .....	16
1.4 Vencendo o Medo: a diluição do discurso do risco entre os <i>traceurs</i> .....	21
1.5 “ <i>Le Parkour</i> é uma linguagem física”: o corpo que escapa a definições .....	22
CAPÍTULO 2 - CORPOS E CIDADES .....	25
2.1 Impasses .....	25
2.2 Corpos e cidades do passado: a disciplina .....	30
2.3. Século XX: morte e vida da rua .....	33
2.4 Lazer e sociedade de controle (esportes urbanos).....	37
CAPÍTULO 3: APRENDENDO A CONSTRUIR UMA CIDADE LÚDICA .....	44
3.1 Entrando no campo via <i>internet</i> .....	46
3.2 O primeiro treinamento na cidade .....	50
3.3 Treinos com a PKABC .....	56
3.4 Encontro Brasil-França de <i>Parkour</i> .....	65
3.5 “Você descobre músculos que nem sabia que existia”: a memória incorporada .....	70

3. 6 “Aprender a ser afetado”: reflexões sobre corpo, treino e cidade .....	75
CONCLUSÃO .....	80
BIBLIOGRAFIA .....	82
CRÉDITOS DAS IMAGENS.....	87

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sofreu ao longo do tempo algumas mudanças importantes, tanto do ponto de vista teórico quanto da escolha de objeto de campo. Inicialmente a pesquisa guiava-se sob um olhar um tanto comparativo em relação às práticas de *Le Parkour e Skatebord* em São Paulo. No decorrer da pesquisa, logo ficou claro que “apenas” o *Parkour* (como é comumente chamado) já abriria questões suficientes para os limites de uma dissertação de mestrado.

Tratava-se, naquele momento da pesquisa, de uma análise das práticas de *Parkour* que buscava compreender as especificidades dessa atividade utilizando a ideia de “apropriação lúdica da cidade”. Ao longo da pesquisa de campo, ao participar de alguns treinos para iniciantes em *Parkour*, ficou claro que a dimensão do treinamento corporal ganharia importância para a construção da etnografia. Percebeu-se que, logo nos primeiros treinos, desenvolvia-se uma reeducação da maneira de perceber o ambiente urbano. A cada treinamento novas possibilidades de exploração do meio urbano passavam a fazer parte da forma como percebia os equipamentos urbanos.

A essa altura da pesquisa, a ideia de “apropriação lúdica”, ou, “re-apropriação da lúdica cidade” passava a causar um certo incômodo. Ainda que em alguns discursos nativos apareça essa noção de “re-apropriação”, a prática de *Parkour* levantou dúvidas em relação à pertinência do termo. No caso do *Parkour* parece muito mais interessante utilizar a ideia de “construção”, ou “criação lúdica da cidade”, ou de uma “urbanidade”.

Trabalhar com a noção de “apropriação” acaba por ofuscar o potencial de criação dessa prática que é conhecida como “*arte do deslocamento*”. Nesse sentido,

aproximar o *Parkour* mais das artes como a dança, do que em relação aos esportes, significa abordar a prática em todo seu potencial de criatividade e criação. Não que não haja nos esportes criatividade e criação, mas, o que se pretende enfatizar é o modo como ao iniciar-se no *Parkour* o agente constrói um ambiente que não estava dado a priori. A noção de “apropriação” indica que o agente se apropria de algo que já está dado. No caso do *Parkour* o espaço de jogo é criado e ampliado ao longo dos treinamentos, quando o corpo treinado consegue explorar novas possibilidades. Temos então um novo corpo e uma nova cidade, não apenas uma “apropriação”, mas, sim, uma criação de um espaço lúdico.

A pesquisa deu-se em dois campos principais: observação participante em treinos de *Parkour* tanto em locais públicos como em treinos “fechados”, e pesquisa na *internet* em fóruns, *blogs*, *sites*, documentários sobre *Parkour*. Os dois campos mostraram-se complementares. Nos treinos físicos tinha acesso à dinâmica de constituição de grupos de treinamento, de formas e técnicas de treino e circulação de saberes sobre *Parkour*. No ciberespaço tinha acesso a controvérsias, discursos teóricos cuidadosamente elaborados, bem como artigos escritos pelos próprios *traceurs* sobre os mais variados aspectos do *Parkour*.

A dissertação está dividida em três capítulos. No capítulo um procura-se introduzir o leitor no universo do *Parkour* destacando suas principais características distintivas em relação aos “esportes modernos” e montando uma breve narrativa acerca da origem dessa prática.

No segundo capítulo objetiva-se historicizar as novas práticas corporais urbanas a partir da relação corpo/cidade. Para tanto, busca-se recorrer a trabalhos de consagrados cientistas sociais que de algum modo levantaram essa questão. A

hipótese que norteia esse capítulo é a de que o *Parkour* é uma prática que só foi possível existir na passagem da “sociedade disciplinar” para o que Deleuze chama de “sociedade de controle”.

No capítulo três descreve-se a inserção no campo dando especial atenção à forma como ao longo do treinamento o etnógrafo vai paulatinamente sendo imerso no campo de jogo, com isso passa a poder construir para si sua *cidade lúdica*. Neste capítulo buscar-se-á, também, descrever um pouco da dinâmica e das relações entre os diversos grupos de treinamento na grande São Paulo.

Almeja-se, também tratar da relação espaço/corporeidade a partir das observações feitas depois de treinar e acompanhar os *traceurs*. Procura-se demonstrar como a noção de apropriação não é boa para falar sobre como se dá a relação entre cidade e *traceur*. Para tanto, neste capítulo se fará um discussão teórica a respeito da relação sujeito/objeto na pesquisa, e de como partir de alguns pressupostos podem influenciar diretamente no modo como encaramos essa nova prática corporal.

## CAPÍTULO 1: DOS SUBÚRBIOS FRANCESES PARA O MUNDO VIA WEB

França, subúrbios de Paris, final de século XX. Este é o cenário de nascimento de uma prática que se espalhou rapidamente por todo o mundo no início do século XXI : *Le Parkour/Free-Running*. O mesmo cenário que gerou violentos protestos seguidos de grande repressão policial na metade dos anos 2000. A imagem da França ligada a Paris e seus bulevares<sup>1</sup>, desta vez ganhava o mundo devido a graves conflitos sociais urbanos. Carros eram queimados nos subúrbios das cidades, a grande massa de imigrantes reivindicava seu lugar na sociedade francesa.

Concomitantemente se espalhava via *internet* outra imagem de cidades francesas, não a cidade do conflito, nem a cidade dos bulevares. Era uma cidade que se parecia com a maioria das grandes cidades do mundo, uma cidade de corrimões, muros, becos, asfalto, carros. Porém, com um diferencial: o papel do corpo jovem no emaranhado urbano. Corpos *agenciados* para movimentar-se de modo ágil e, a priori, ignorando os obstáculos urbanos.

Contudo, não se tratava apenas de demonstrações juvenis de coragem, força ou mesmo imprudência em relação à vida. Aqueles corpos juvenis que ganhavam notoriedade principalmente via *internet* eram eles mesmos resultados de um *agenciamento* anterior, de uma mistura de disciplinas esportivas, artísticas e educacionais.

Duas figuras de destacam no universo do *Parkour* como precursores dessa nova disciplina corporal: David Belle e Sebástian Foucan. Pode-se dizer que as

---

<sup>1</sup> Imagem essa amplamente consagrada pelas análises de Walter Benjamim sobre as mudanças urbanísticas na capital francesa no século XIX.

diferenças entre as duas trajetórias marcam, de certa forma, os principais distanciamentos entre o que se chama de *Parkour* e *Freerunning*.

Neste capítulo buscar-se-á argumentar que as mais variadas formas de se praticar *Parkour* observadas em campo são devedoras dessa “ruptura” inicial entre os fundadores da disciplina. Belle, com uma característica mais apolínea, com muita influência militar de um lado, já Foucan mais ligado a um estilo estético artístico, ainda que recentemente Belle tenha cada vez mais se engajado em projetos de cinema e televisão como ator/dublê.

Para tanto, utilizar-se-á como fontes entrevistas disponíveis na *internet*, artigos publicados em *sites* especializados, bem como textos produzidos pelos próprios *traceurs* como, por exemplo, o livro de Sébastien Foucan intitulado “Free-Running : The Urban landscape is your Playground” e “The Parkour and Freerunning Handbook” de Dan Edwardes.

### **1.1 David Belle e Sébastien Foucan: início comum em Lisses**

Lisses, região nos subúrbios de Paris, distante 27 quilômetros do centro da capital francesa, um grupo de crianças, dentre elas David Belle e Sebastien Foucan, enfrentam a falta de equipamentos de lazer fora da escola. Muitos deles entram em contato com modalidades esportivas “tradicionais” no ambiente escolar, tais como a ginástica olímpica e as artes marciais, entretanto, fora do ambiente escolar encontram um ambiente hostil às práticas de lazer. Esse grupo de jovens passa então a explorar as potencialidades lúdicas dos equipamentos urbanos de Lisses, pulavam corrimões, bancos, monumentos. Um desses monumentos tornou-se mundialmente famoso, inclusive atraindo *traceurs* de todo o mundo para treinar no

“marco zero” do *Parkour*, trata-se da escultura *Dame du lac* instalada em um parque público de Lisses<sup>2</sup>.



FOTO 1 - Traceur treina na escultura



FOTO 2 - David Belle com a *Dame du lac* ao fundo.

David Belle é apontado como precursor do termo “Parkour” que derivaria de “parcours du combatant”, disciplina física ensinada por seu pai, um bombeiro e antigo combatente na região da Indochina. Essa disciplina se inspirava no Método Natural de Educação Física de Georges Hébert, tenente da marinha francesa no

---

<sup>2</sup> Hoje essa estrutura encontra-se cercada e proibida para prática de *Parkour*. Segundo as autoridades de Lisses o principal motivo foram os graves acidentes que passaram a ser frequentes no local.

auge da *era dos impérios* coloniais europeus. Dessa forma, pôde conhecer e entrar em contato com os chamados “povos primitivos”. Logo se interessa pela força, beleza e resistência de seus gestos corporais. Ao receber a tarefa de formar um programa de exercícios para integrantes do corpo de fuzileiros navais da marinha francesa, começou a produzir seu Método Natural baseado na observação desses povos. Hebert produz uma série de dez grupos de exercícios que considera “atos naturais”, a saber: marcha, corrida, salto, quadrupedia, trepar, equilíbrio, lançamentos, transporte, defesa, natação. A ideia-chave em seu método é a de que uma observação atenta da vida cotidiana dos “selvagens” ou “primitivos” permite categorizar gestos que seriam indispensáveis aos civilizados (SOARES, 2003, p. 27).

O Hebertismo, apesar de ter perdido espaço para a ginástica científica, manteve-se como um importante método de treinamento no exército francês, bem como na Legião Estrangeira. Belle, além de passar pela educação física escolar, pôde entrar em contato com o Método Natural que tomaria como importante fonte de inspiração na construção do que viria a se chamar de *Le Parkour*. “Transformei o que aprendi numa espécie de jogo, com muito de silêncio, flexibilidade e agilidade” (...) Antes de mais é aprender a ser cuidadoso. E não descurar o treino físico. Além disso, exige harmonia entre o local onde é praticado e quem o pratica.”<sup>3</sup>, resume Belle.

Belle possui um status mítico entre os traceurs, não raro quando algum *traceur* de alguma forma tenta fazer nos treinos algum movimento para qual aparentemente não está preparado é comum ouvir frases irônicas do tipo: “Olha lá,

---

<sup>3</sup> Entrevista disponível no endereço: <<http://www.mundouniversitario.pt/artigos.php?art=670>>, acesso: 10/06/2010.

lá vai o David Belle...”, ou, “ Olha o cara! Tá igual o Belle”. Sem dúvida, entre os *traceurs*, Belle é referência de excelência da prática.

Sebastien Foucan ganhou notoriedade ao protagonizar o documentário *Jump London* para um canal de televisão em que expunha sua concepção sobre o que chamou de *Free-Running*. Foucan participou de vários comerciais de televisão, de uma turnê da cantora Madonna, sem dúvida é um dos personagens mais midiáticos do Mundo do *Parkour/ Free-Running*. Foucan gosta de salientar que sofre influências das mais variadas disciplinas, desde a ginástica, passando pelas artes marciais bem como pela dança, “Feel free to try other disciplines: experience is everything, so avoid being restricted by one idea or place (...) There is always something for me to learn as a freerunner, whether it’s football, tennis, athletics, gymnastics or dancing and other performing arts.” (FOUCAN, 2008, p.60)

*Parkour* ou *Freerunning*? No começo da pesquisa chegou-se a aventar a hipótese de se tratar o *Freerunning* como uma espécie de “herdeiro” do *Parkour*. Contudo, percebeu-se que, na verdade, tratava-se das múltiplas possibilidades que essa nova prática corporal abria. Teoricamente “Le Parkour” seria uma disciplina que consistira basicamente em percorrer um percurso com obstáculos da forma mais funcional e fluente possível. Já o *Freerunning* admitiria movimentos mais performáticos tais como “saltos mortais”.

Na verdade, com a mudança de Sebastien Foucan para Londres e o sucesso de seus documentários, *Freerunning* foi um termo que se popularizou nos países de língua inglesa, portanto, é muito comum encontrar *Freerunning* como sinônimo de *Parkour*. Entretanto, muitas vezes o *Freerunning* é acionado do discurso de alguns *traceurs* como uma espécie de “*Parkour* deturpado”, ou, algumas vezes, algo criado por Foucan para se diferenciar de Belle e alcançar prestígio. *Freerunning* tem sido usado, principalmente, em todas as ocasiões em que as pessoas querem usar

Parkour, mas alguma ideologia as impede de usar. Competição, exibicionismo... Então, não por acreditar na ideologia e sim para satisfazer alguma necessidade pessoal do praticante, ele adota um novo termo. Não porque acredita no *Freerunning* e sua história, mas sim por “hipocritamente manter a ‘filosofia’ do Parkour”<sup>4</sup>, dispara um famoso *traceur* paulista em seu *blog* na *internet*.

No seu livro “Free Running: the urban landscape is your playground”, Foucan enfrenta a questão da seguinte maneira: “Freerunning is the name I chose to reflect my practice and the evolution of my art, but i don’t restrict my way to the domain of physical movement: it’s about living life as fully as possible, mentally, physically and spiritually-and this is why your way has no name, because no one word can encapsulate you journey” (FOUCAN, 2008, p. 105).

Essa controvérsia em torno de movimentos com maior potencialidade estética, ou, falando uma linguagem mais comum aos *traceurs*, firulas, pode ser compreendida à luz da influência do utilitarismo do Método Natural na formulação de Belle sobre o *Parkour*.

“Etre fort, pour être utile”. Ser forte para ser útil, o lema do herbertismo ecoa no mundo do *Parkour* via David Belle. “Eu creio que o resultado final do Parkour é sermos totalmente autônomos em nossa vida. É ser capaz de fazer as coisas por si mesmo”<sup>5</sup>, Belle sempre costuma deixar claro nas entrevistas que concede esse lado mais utilitário do *Parkour*: “Digo, eu já fiz atletismo, ginástica olímpica, e eu me movia para ter um bom condicionamento físico, sem saber qual seria a utilidade para mim. E quando ele ( seu pai) começou a me falar sobre *Parkour* e suas capacidades físicas, eu entendi porque ele se move, porque ter braços, pernas. (...) *Parkour* é um

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://blog.parkour.com.br/2009/04/freerunning-nao-existe/>> , acesso : 12/06/2010.

<sup>5</sup> Entrevista disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=myuX\\_qQATa8](http://www.youtube.com/watch?v=myuX_qQATa8)>, acesso:10/04/2010.

método de treinar preparação física perante obstáculos, no caso de você ter um problema, para proteger a você, a sua família...”<sup>6</sup>

Na mesma entrevista Belle fala sobre as diferenças com o *Freerunning*: “ E disso (*Le Parkour*) veio o *Parkour Freestyle*, onde você os caras dando mortais e coisas completamente inúteis, mas eu entendo, é como skate ou patins, na base foi feito para incluir o *Freestyle*, não tem um objetivo útil. Mas o *Parkour* é primeiro sobre a parte útil, ensinar as pessoas a confiarem em si mesmas, aprender a ser cuidadoso, porque alguns podem dizer ‘eles são loucos’, mas nós somos bem mais cuidadosos que alguns que podem cair nas escadas porque não prestam atenção, então para mim é isso, uma arte onde aprendemos a ser cuidadosos.”

Enquanto Belle enfatiza o lado funcional do *Parkour*, Foucan enfatiza o lado mais holístico da prática. “Freerunning is an art that allows people to grow physically and spiritually according to their own paths, not society’s”(FOUCAN, 2008, p.9). Em um treino para iniciantes organizado pelo grupo Geração Traceur, em São Paulo, ao surgir o nome de Foucan, em uma conversa no intervalo, um experiente *traceur* comentou: “Eu não gosto dessas paradas filosóficas do Foucan, acho uma viagem... Eu treino pra ganhar condicionamento, poder executar bem os movimentos. Me interesse mais pela parte física.”

Entre os *traceurs* brasileiros Foucan ganhou essa marca quase indelével de ser o sujeito que tentou criar uma disciplina “a partir do nada”, meramente para ser mais palatável no mundo anglo-saxão, teoricamente mais afeito a modalidades esportivas mais “espetaculares”, sendo inclusive acusado algumas vezes de ter dado o início a um movimento que levou à existência de competições de *Parkour/Freerunning*. Não obstante, o próprio Foucan condena as competições em seu livro: “Our society is highly competitive and everything we do is about being the

---

<sup>6</sup> Entrevista disponível em: < [http://www.youtube.com/watch?v=-qqG7b\\_ZCG4](http://www.youtube.com/watch?v=-qqG7b_ZCG4)>, acesso: 10/04/2010.

best. The way of freerunning is different: freerunning is about constant evolution, it's not about victory or profits." (FOUCAN, 2008, p.19)

Esse tipo de "acusação" é particularmente ofensiva no mundo do *Parkour*, pois idealmente é um tipo de modalidade que não cultiva qualquer tipo de competição entre os praticantes. O fato de não haver competições é uma das marcas distintivas mais significativas do *Parkour* em relação às demais modalidades desportivas.

## 1.2 "Corra sem rivais": a competição como elemento deturpador da prática

Quando se entra em contato com o *Parkour* pela primeira vez, a principal marca distintiva que os *traceurs* gostam de deixar bem clara é o fato de não haver competições de *Parkour*. Todavia, nos últimos anos algumas competições foram se organizando em algumas partes da Europa e dos Estados Unidos. Essas competições são patrocinadas principalmente por produtos ligados à cultura jovem como, por exemplo, bebidas energéticas.

A existência dessas competições causou grandes reações no meio do *Parkour* por todo o mundo. Passou a circular pela *internet* um famoso manifesto intitulado "A favor do *Parkour*, contra competição!", esse manifesto é assinado pelos *traceurs* Duncan Germain e Erwan La Corre<sup>7</sup>. No documento ficam explicitados alguns dos pilares do que seria a "verdadeira" filosofia do *Parkour*, "A. Não acreditamos em elites; B. Não acreditamos em nenhuma forma de distinção entre os praticantes; C. Não acreditamos na necessidade de se criar qualquer forma de

---

<sup>7</sup> Versão completa em anexo.

hierarquia de habilidades entre os praticantes; D. Acreditamos que “o melhor” não significa nada dentro do *Parkour*, pois vencer ou perder também não tem a menor importância para a filosofia; E. Não aceitamos tal princípio como parte da filosofia do *Parkour*.”



FIGURA 1- Banner de apoio que pode ser encontrado em vários sites de grupos que apoiam o conteúdo do manifesto.

Essa preocupação em não criar hierarquias entre os praticantes mostra-se latente nos treinos de *Parkour* acompanhados ao longo dessa pesquisa. A todo momento, mesmo os mais experientes *traceurs* procuram deixar claro que “Você tem de achar o seu jeito de ultrapassar os obstáculos. Não existe um jeito mais correto, ou uma receita para você vencer os obstáculos”. Sebastien Foucan destaca em seu livro: “I am not a master: I am still a student who is looking for his path. But I can see my way – and I’ll keep following it until I’ve become all that I can be.”(FOUCAN, 2008, p.9)

“Acreditamos que o motivo por qual se treina deve somente, e sempre, ser um chamado interior. Esforçamo-nos para sermos fortes, por nós mesmos e pelos outros. Não queremos ir contra outras pessoas, mas treinarmos com elas e por elas.” Continua o manifesto ressaltando o caráter anti-competitivo da prática. Muitas vezes acontece uma intensa discussão entre os *traceurs* brasileiros em torno dessa

questão, não é raro acompanhar algumas polêmicas envolvendo os treinos coletivos ou com câmeras. Alguns *traceurs* dizem que “Tem gente que não treina sozinho porque aí não tem com quem se comparar...É o lance de querer se mostrar, ficar vendo quem pula mais alto, faz tal coisa mais rápido...” No manifesto essa rejeição ao exibicionismo também é fortemente assinalada: “Acreditamos que vai contra a filosofia do Parkour competir pela vitória ou pelo ganho de qualquer outra coisa que não faça parte dos valores da atividade. Como por exemplo: medalhas, prêmios, troféus, dinheiro, fama, reconhecimento ou glória. O mesmo se aplica aos que buscam exibicionismo para o público.”



FIGURA 2 - banners brasileiros de apoio ao manifesto

O exibicionismo é uma atitude amplamente condenada entre os *traceurs* brasileiros, e torna-se uma categoria de acusação quando se quer atingir a reputação de determinado *traceur*, com frases tais como: “Fulano quase não treina,

você já viu ele treinando? Só aparece para organizar eventos e levar a fama em cima de quem treina”, ou então, “Aquele cara só sabe fazer aquele movimento! Deve ficar treinando mortal o dia todo para ficar postando seus vídeos na internet”.

No discurso contra as competições há também uma forte justificativa pela preservação da saúde do atleta, segundo o manifesto, a competição “leva o praticante a desregular o seu treino e focar-se somente em habilidades específicas que deve adquirir para vencer, conduzindo-o assim a lesões crônicas. Apesar das negações oficiais, o uso de doping está relacionado a todos os tipos de competições, seja com envolvimento de dinheiro ou não. Acreditamos que a consequência física de se participar de competições de alto nível é contra a filosofia do parkour, pois a ênfase da atividade reside na moderação e na necessidade de fortalecimento.”

Aqui também se pode voltar a Hébert e à influência do “método natural” sobre a filosofia do *Parkour*. Hébert se posiciona no começo do século XX contra as formas de especialização esportiva que àquela altura já estavam se solidificando no ocidente. Na sua visão “somente a educação física completa, baseada sobre a prática de exercícios naturais e utilitários, garante um perfeito desenvolvimento, um retorno ao tipo forte e belo que foi aquele de nossos antigos habitantes conforme a natureza” (HEBERT, 1918a, p. 27 *apud* SOARES, 2003, p.28).

Deve-se lembrar de que é nesse período que começam a se organizar as grandes competições esportivas internacionais. Hébert será um ferrenho crítico dessas competições chamando inclusive os Jogos Olímpicos de “feira de músculos”, um evento organizado por federações esportivas para glorificar mais um especialista em um só gênero de exercício (SOARES, 2003, p.28). para Hébert essa concepção de esporte

... não serve ao interesse geral, que consiste, antes de tudo, em formar homens desenvolvidos de uma maneira completa e útil, e não especialistas frágeis e deformados. Ela é individualista e egoísta no sentido de que sacrifica a massa para agir sobre o indivíduo; enfim, ela é quase imoral, socialmente falando; a especialização esportiva estimula freqüentemente, por meio do trabalho espetacular contínuo, os jovens a venderem seus músculos (HÉBERT, 1928b, p. 245 *apud* SOARES, 2003, p.29 ).

O *Parkour* está claramente informado por esse enunciado anti-esportivo, se entender-se “esporte” como algo que tenha como elemento fundamental a existência de competições. Por isso mesmo a dificuldade em definir essa prática não fica só com o pesquisador, mas também aparece no discurso dos *traceurs*. No discurso *traceur*, “esporte” aparece muito mais no sentido de prática física, a atividade propriamente dita e não algo que seja passível de se compreender ou entender sem um mínimo de envolvimento prático. No sentido ideal a única competição no *Parkour* seria contra os próprios medos do *traceur*.

Deleuze no livro “Lógica do sentido”, a partir da leitura dos jogos inventados por Lewis Carrol em “Alice no País das Maravilhas”, defende que mais do que inventar, Carrol invoca o que seria uma espécie de “jogo ideal”. Estes jogos “são muito movimentados, parecem não ter nenhuma regra precisa e não comportar nem vencedor nem vencido. Não “conhecemos” tais jogos, que parecem contradizer-se a si mesmos.”(DELEUZE, 2009, p.61)

Para Deleuze é preciso imaginar outros princípios que tornariam o jogo mais puro

1º Não há regras preexistentes, cada lance inventa suas regras, carrega consigo sua própria regra. 2º Longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo em cada jogada. 3º As jogadas não são, pois, realmente, numericamente distintas. São qualitativamente distintas, mas todas são as formas qualitativas de um só e mesmo lançar, ontologicamente uno.(...) 4º Um tal jogo sem regras, sem vencedores nem vencidos sem responsabilidade, jogo da inocência e corrida à Caucus em que a destreza e o acaso não mais se distinguem, parece não ter nenhuma realidade. Aliás, ninguém se divertiria com ele. (DELEUZE, 2009, p.62-3)

Para Deleuze esse jogo ideal não pode ser realizado, mas, apenas pensado, e pensado como não-senso. Este tipo de jogo estaria reservado ao pensamento e à arte. “Este jogo que não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo” (DELEUZE, 2009, p.63)

Pode-se inferir que o *Parkour* idealmente pensado por Belle se aproxima desse jogo deleuziano. Não à toa, uma das definições preferidas dos *traceurs* é “arte do deslocamento”, o *Parkour* se encontra nessa zona de tensão entre um jogo ideal e a realidade da prática. Quanto mais se aproxima do jogo deleuziano mais se torna inclassificável, justamente porque se torna um não-senso para um olhar de fora. Parte do discurso utilitarista em relação à prática parece ser uma forma de defesa do que seria um jogo meramente aleatório e “sem sentido”. É preciso sempre defender-se da aleatoriedade, buscar um fim.

### 1.3 “The world is your playground”: o devir-criança do *traceur*

No primeiro treino de Parkour que este pesquisador teve a oportunidade de acompanhar, no começo do ano de 2007, sem muita informação sobre *Parkour* ou como se organizavam os treinos, enfim, um completo analfabeto na linguagem *traceur*, ocorreu um fato interessante que só mais tarde se revelaria produtivo para pensar.

Esse treino deu-se na Cidade Universitária, em São Paulo. Como o terreno já era bastante familiar para o etnógrafo, parecia ser uma oportunidade boa para ter o primeiro contato com aquela prática que ainda parecia “exótica” aos olhos de alguém que se limitava a praticar futebol nos finais de semana com os amigos. Na verdade, tratava-se de um encontro de vários grupos de *traceurs*, esse fato também contribuiu para que o campo exploratório se tornasse ainda mais interessante.

Depois de um contato via *e-mail*, combinei de encontrar o organizador do evento no local de concentração do evento. Tratava-se da praça do relógio, local onde o etnógrafo passava religiosamente quase todos os dias a caminho do restaurante universitário. Impossível se sentir mais “at home” em um campo!

Ao chegar ao local, feitas as apresentações de praxe, percebeu-se que o sentimento de estar em casa iria se desfazer rápido. Não havia uma linguagem comum. Quando começou o aquecimento, fiquei em uma posição de espectador, a pior possível para um treino de *Parkour*. Porém, essa posição me proporcionou observar o entorno do treino. Como se buscasse um refúgio em um cenário mais familiar.

O treino deslocou-se para uma estrutura de pedras que existe na praça; lá os *traceurs* passaram a treinar “saltos de precisão”<sup>8</sup>. Havia pelo menos 30 pessoas. Era

---

<sup>8</sup> Pular de maneira exata e suave de um ponto A para um B.

um sábado e a cidade universitária transforma-se quase em um parque público para os moradores da região, que se utilizam do espaço para correr, andar de bicicleta, trazer os filhos para brincar ao ar livre etc. Justamente uma dessas centenas de crianças chamou-me a atenção.

Logo após os *traceurs* deixarem o local, ele se solta dos braços da mãe e vai correndo em direção à estrutura de pedras. Ao chegar à estrutura, a criança começa a tentar imitar os movimentos que estava observando à distância. Mesmo com aparente insucesso, era evidente como aquela criança estava se divertindo. A mãe observava preocupada não só com a possibilidade da criança se machucar, bem como com a possibilidade de algum guarda intervir na brincadeira em local “impróprio”.

Dois anos depois, em um treino no Parque Sampaio, no bairro do Tatuapé, zona Leste de São Paulo, ocorreu um fato semelhante. Nessa ocasião, havia a presença de apenas cinco *traceurs*, além do etnógrafo que a essa altura já treinava. Eram férias de julho, portanto, apesar de ser um dia útil, havia diversas crianças no parque aproveitando o dia ensolarado e com clima ameno.

Depois do aquecimento, o treino começou em uma estrutura de concreto nos fundos do parque, normalmente utilizada para recreação infantil. O primeiro movimento era “seguir o mestre”, ou seja, um *traceur* puxava uma fila indiana que seguiria um determinado percurso traçado como o primeiro quisesse. Logo escutou-se uma voz aguda: “Ei posso brincar também?”

Uma criança se aproximara com seu pai perguntando o que estávamos fazendo. Mesmo o pai ponderando que aquilo era coisa de gente mais velha o

garoto resistiu. Finalmente, começou a seguir a fila indiana, respeitando suas possibilidades, claro.



FOTO 3 - *Traceur* treina “salto de precisão” no Parque Sampaio.

O *Parkour* é um jogo que brinca de explorar novos meios, trajetos. Essa essência lúdica que fora diminuída de importância em algumas modalidades esportivas mantém-se claramente viva no *Parkour*. “It’s child’s play. The world is your playground – enjoy it! Remember: freerunning started as children playing, so think like a child and enjoy how you move” (FOUCAN, 2008, p.41).

“Durante a virada esportiva, eu tive a oportunidade de orientar muitos iniciantes, mas nenhum deles me deu tanto prazer como a tropinha de seus 11 anos que, subitamente, parecia ter brotado ao meu lado. Eles são os parceiros de treino perfeitos! Topam de tudo, conversam com naturalidade, não sentem pudor ao toque, treinam porque se sentem bem e fazem questão de que cada momento empregado

no treino seja em prol de seu próprio objetivo (diversão)”<sup>9</sup>, confessa um *traceur* em seu *blog* na *internet*. E segue: “Nesse dia em específico, eu lembro que por diversos momentos os papéis se inverteram: eles é que me instruíam e mostravam o que eu devia fazer pra me divertir como eles. Cheguei várias vezes a entregar a liderança do percurso para eles só pra ver o grau de macacadas que iriam aprontar! Huaahuahuahu! E foi muito legal! Tive que me arrastar no chão, galopar os corrimãos mais baixos e não saltar os maiores (porque obviamente eles não alcançavam) e tomar rotas que eu provavelmente não escolheria. O meu “guia” de tempos em tempos olhava pra trás com aquela cara de “deixa eu ter certeza que ele está me seguindo mesmo afinal ele é um adulto...”, e eu até agora lembro da cara de espanto dele ao constatar que “é... ele tá mesmo fazendo tudo que eu faço...”. Segundo o *traceur* esse retorno ao espírito infantil ajudou a reanimar os treinos que haviam se tornado mornos junto ao seu grupo.

No livro “Crítica e Clínica”, Deleuze aponta questões interessantes sobre o devir-infantil. No artigo “O que as crianças dizem” explicita que “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer explorar os meios, por trajetos dinâmicos e traçar o mapa correspondente.” (DELEUZE, 1997, p.73) O *Traceur* produz esse devir-criança ao explorar os meios urbanos de forma lúdica. O lado lúdico do *Parkour* é mais facilmente apreendido pelas crianças, principalmente aquelas que ainda não completaram sua educação do corpo a que somos submetidos principalmente no colégio.

Transformar o meio urbano em um grande playground é não só explorar as potencialidades lúdicas desse meio, mas também liberar devires que estavam

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://duddupk.blogspot.com/search?updated-min=2009-01-01T00:00:00-03:00&updated-max=2010-01-01T00:00:00-03:00&max-results=19>>, acesso: 10/04/2010.

enclausurados pela educação dos gestos a que somos submetidos desde a mais tenra infância.<sup>10</sup>

#### 1.4 Vencendo o Medo: a diluição do discurso do risco entre os *traceurs*

Quando alguém assiste a um vídeo de Parkour na *internet*, e não está familiarizado com a prática, é muito comum se ouvir “Nossa, mas não é perigoso?”. De fato, nos vídeos mais vistos pode-se ver *traceurs* fazendo trajetos entre prédios e muros extremamente altos, mas a rotina de treinos se dá, na maior parte do tempo, na repetição de exercícios básicos de condicionamento físico, geralmente em solo.

E é nessas condições, em lugares onde o risco de acidentes mais sérios são bem menores que se começa a trabalhar na percepção do *traceur* o que Mauss chamou de “educação do sangue frio”<sup>11</sup>. Em um dos primeiros treinos dessa pesquisa, em Santo André, tínhamos de ultrapassar um obstáculo de mais ou menos um metro e meio de altura com apenas um salto. Depois de três corridas até o obstáculo acompanhadas de desistência, na hora do salto, uma *traceuse* se aproximou e perguntou o porquê de não completar o exercício. Após dizer que não conseguia completar devido à falta de elasticidade nas pernas, ela se aproximou, deu as mãos para mim e pediu que olhasse fixamente o obstáculo “Pense: Eu vou

---

<sup>10</sup> Desde Mauss se sabe que não existe uma forma “natural” de servir-se do corpo. Ver: MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

<sup>11</sup> A ideia de educação do sangue-frio de Mauss é bastante interessante para compreender as práticas de “risco”. Mauss diz que a prática do alpinismo lhe permitia “dormir em pé num degrau à beira do abismo”. Essa noção ajuda a entender a aparente tranquilidade e facilidade com que os praticantes de Parkour, por exemplo, conseguem se equilibrar em muros de mais de três metros sem entrar em pânico, como possivelmente ocorre com a maioria das pessoas e mostra com muita propriedade como aprendidas e não naturais ou fruto de mero talento!

conseguir! O que te impede é o seu medo, se você vencer esse medo poderá fazer qualquer movimento”.

Para os *traceurs* há risco em todos os lugares, o *Parkour* é uma forma de encarar esses riscos, não exatamente a busca pelo risco: “There are risks everywhere” exclama Foucan, “Where on person sees a potential fall, i see a potential flight (...) Life involves lots of risk-taking and it will always be a succession of challenges, but don’t be afraid to lose! It is only by tating the bitterness of your mistakes that you will enjoy the sweetness of your achievements” (FOUCAN, 2008, p.41).

Belle também busca diluir a ideia de medo para todos os aspectos da vida social: “Eu tenho a impressão que o medo é transferido. Você pode inspirar coragem, mas também pode inspirar muito medo. Hoje todos vivem com medo. Todo mundo tranca as portas. Ensinamos uma nova geração a ter mais coragem em si mesmo.”<sup>12</sup>

Portanto, não se verifica entre os *traceurs* uma busca pela sensação de risco, pelo contrário, o *Parkour* se transforma em uma ferramenta para suportar os riscos e medos que estão por todo lado na vida social.

### **1.5 “Le *Parkour* é uma linguagem física”: o corpo que escapa a definições**

“O que é que você estuda mesmo?” Certamente a maioria dos estudantes de Antropologia já deve ter ouvido essa frase acompanhada de um certo ar de

---

<sup>12</sup> Entrevista disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=myuX\\_qQATa8&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=myuX_qQATa8&feature=related)> acesso em: 8/8/2010.

interrogação no rosto do interlocutor mesmo após uma explicação, se não por ele não ter entendido o que era seu objeto de estudo, provavelmente por achar tal objeto quase que irrelevante para uma investigação acadêmica.

Ao longo dessa pesquisa não foi diferente. Primeiro ficava uma sensação de insegurança, como se o problema fosse a pouca familiaridade com o campo. Depois, passado algum tempo de pesquisa, muitas vezes o ar de interrogação se mantinha. Esse estado só se alterava depois que se apresentava um vídeo de algum *traceur* quase sempre acompanhado da expressão “Ah! Sei, aqueles malucos que ficam pulando prédios!”

Essa noção do senso comum incomoda muito os *traceurs*, pode-se ler no *site* da ABPK: “No Parkour você aprende técnicas desde como subir um muro, até como pular de um lugar alto, **porém o parkour não é um esporte de pular prédios**. Ele consiste em um homem correndo de alguém/algo e nenhum obstáculo pode pará-lo, mas, ele não é só isso. Além de passar os obstáculos, você deve executar os movimentos da forma mais natural possível, usando o obstáculo como se fosse parte do seu corpo.”<sup>13</sup>

Porém, a raiz desse ruído na comunicação não estava apenas na falta de divulgação da prática, mas, antes, na própria (im)possibilidade de definição dessa atividade. Como definir algo que não possui um código, uma regra, em poucas palavras!

Duncan Germain, já citado no manifesto contra as competições, produziu um documentário sobre *Parkour*, nele sustenta que “*Parkour* é uma linguagem física, não há tradução, e você não irá compreendê-la até que se insira no contexto. Da

---

<sup>13</sup> Definição publicada no site da abpk (Associação Brasileira de Parkour). Disponível em: <[www.abpk.org.br](http://www.abpk.org.br)> Acesso em 13 de julho de 2007.

superfície parece muito simples: ‘você corre, salta, escala...’, mas é muito mais profundo que isso. Quando você tenta compreender sozinho, descobre de cara que não entende do que se trata, e muito menos pode fazer isso. Você nem ao menos tem vocabulário para se comunicar até que se comece a se movimentar”.<sup>14</sup>

“Be a participant, not a spectator”, prega Foucan. Realmente, não existe lugar para um ponto de vista de espectador no *Parkour*, ou melhor, um observador nesse ponto de vista não é capaz de ter acesso à linguagem do jogo. No futebol, por exemplo, um sujeito é capaz de entender a lógica do jogo, se envolver completamente nele sem necessariamente dominar a técnica. No caso do *Parkour* um olhar apenas de fora não é capaz de perceber a lógica do jogo, fatalmente imprimi na prática simplificações que não são capazes de traduzir completamente seu sentido.

Todavia, quanto mais se mergulha na prática, a dificuldade em defini-la se acentua. Durante a primeira fase desta pesquisa essa angústia foi constante. Mas, será necessário mesmo uma definição? Não! Optou-se por seguir as *linhas de fuga* do corpo *traceur*. Melhor do que tentar enquadrar a prática em um determinado *campo* percebeu-se que seria mais produtivo seguir esse corpo, acompanhar a dinâmica das múltiplas possibilidades apontadas pelo desenvolvimento, ou melhor, pelo desdobramento do corpo *traceur*.

---

<sup>14</sup> Projeto Pilgrimage disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7D9jJbsYfKY>> acesso em 15/06/2010.

## CAPÍTULO 2 - CORPOS E CIDADES

Este capítulo buscará historicizar as novas práticas corporais urbanas a partir da relação corpo/cidade. Será feito um balanço bibliográfico de obras importantes que trataram desta questão para, em um segundo momento, lançar a hipótese de uma possível ligação entre essas novas práticas com a passagem da “sociedade disciplinar” para o que Deleuze chama de “sociedade de Controle”.

### 2.1 Impasses

Traçar uma narrativa histórica a respeito do corpo torna-se mais provocante e possível quando analisam-se as tentativas de governá-lo e organizá-lo; ao delinear a historicidade dessas ambições, pode-se apreender a especificidade e a complexidade da tecnologia social relacionada ao controle dos corpos, não só na contemporaneidade, mas também como esses saberes foram se construindo ao longo de épocas passadas (SANT’ANNA, 2006, p. 4). Organizar os corpos no espaço urbano mostrou-se, ao longo dos últimos dois séculos, uma questão crucial para governar as formas de utilização da cidade, questão que toma contornos ainda mais espinhosos na medida em que as fronteiras entre público e privado vão se borrando nos últimos anos.

A discussão sobre o espaço público urbano ganhou a contribuição de eminentes pensadores e cientistas sociais e historiadores. Convém destacar alguns

desses trabalhos que dialogam diretamente com o objeto desta pesquisa. A começar pelo trabalho do sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennet intitulado *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*.

Sennet propõe neste trabalho uma construção da história da cidade ocidental, desde Atenas antiga até Nova York contemporânea, por meio da experiência corporal das pessoas com o espaço urbano. O autor inicia sua argumentação partindo da identificação de um problema das cidades contemporâneas:

Fui tentado a escrever essa história sem levar em conta um problema contemporâneo: a privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projetos arquitetônicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento táctil que aflige o ambiente urbano. (SENNET, 2001, p. 16)

Para Sennet, essa privação sensorial que os habitantes das grandes cidades estariam submetidos pode ser expressa na condição física do *corpo passivo*. Segundo o autor, a tecnologia de locomoção moderna (automóveis e auto-estradas, por exemplo) transformou o espaço urbano em um mero local de passagem, levando o indivíduo moderno a uma “crise táctil”.

O que o autor chama de “geografia da velocidade” acarreta uma desvinculação corporal do meio, acentuando o “individualismo moderno” que “sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações” (SENNETT, 2001, p. 289).

Para Sennet, a cidade “multicultural” separa a heterogeneidade social em grupos que evitam a qualquer custo o contato com o outro. Essa massa de corpos “reunindo-se em polos comerciais, mais preocupada em consumir do que com qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário” flerta a todo o momento com a disseminação do medo:

Hoje, à medida que a experiência corporal cria guetos individuais, o medo do contato que deu origem ao isolamento dos judeus, na Renascença, está robustecido. O novo ambiente urbano converteu as descobertas de Harvey <sup>15</sup>—numa tríade de velocidade, fuga e passividade. (SENNETT, 2001, p. 296)

Qual seria a especificidade de São Paulo nesse quadro? O medo do contato disseminado nas grandes cidades “multiculturais”, que leva Sennet a chegar a essa afirmação sombria e pessimista sobre a vida nas metrópoles, também aparece no trabalho da antropóloga brasileira Teresa Pires do Rio Caldeira em *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Nesse caso, a autora busca uma ligação entre criminalidade e possíveis mudanças no espaço urbano, com especial atenção a uma possível perda de qualidade do espaço público.

Segundo Caldeira, o espaço público está desprestigiado diante da expansão dos “enclaves fortificados”. E esses enclaves (condomínios fechados, conjunto de

---

<sup>15</sup> O Autor se refere à William Harvey, médico Inglês autor de *De motu cordis*. Nessa obra descreveu pela primeira vez a circulação do sangue humano. Sennet sustenta que: “Através de suas descobertas sobre a circulação do sangue, Harvey deu partida numa revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo – sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma – dando origem a uma nova imagem modelo.”

escritórios, *shopping centers*) estabelecem um novo padrão de segregação que se justifica a todo o momento por discursos de prevenção ao crime:

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes de seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. (CALDEIRA, 2000, p. 258)

Para a autora, os “enclaves fortificados” transformam significativamente a vida pública na cidade. Os padrões de circulação nos espaços públicos se alteram destituindo esses espaços de sua função tradicional na sociabilidade na cidade. Em cidades como São Paulo e Los Angeles o espaço público “tradicional” dá lugar a um tipo “que não faz nenhum gesto em direção à abertura, indeterminação, acomodação de diferenças ou igualdade, e que ao invés disso toma a desigualdade e a separação como valores estruturantes.” (CALDEIRA, 2000, p. 258)

Para o pensador francês Olivier Mongin, esse quadro traçado pelos dois autores acima citados insere-se em um contexto no qual a cidade cedeu espaço a uma dinâmica metropolitana, o que caracterizaria o mundo da pós-cidade. Mongin no livro *A condição urbana: a cidade na era da globalização* confronta a “experiência urbana” da cidade de ontem e do urbano contemporâneo.

A condição urbana, entendida em seu primeiro sentido, estava assentada sobre um produtivo paradoxo: era um espaço finito e limitado que tornava possível práticas infinitas. Mongin entende que a condição urbana contemporânea, marcada pela ideia de “urbano generalizado”, ou seja, um esfacelamento dos limites das cidades que implodiu a velha oposição entre cidade e campo acabou por inverter o paradoxo; agora a condição urbana contemporânea é caracterizada por um espaço ilimitado que torna difíceis, mesmo impossíveis trocas e trajetórias; um espaço que favorece práticas limitadas e segmentadas. (MONGIN, 2009, p. 138)

Dentro desse cenário quase “desrealizante”, o corpo mostra-se o grande limiar. O corpo estabelece uma mínima relação com o ambiente, o corpo precisa de um *lugar* para habitar, “resiste a um lugar que não o coloca em relação e lhe proíbe toda relação ao lhe impor limites intransponíveis.” (MONGIN, 2009, p. 243) Nesse sentido:

O corpo é uma primeira dobra que brinca de desdobrar e redobrar, o espaço público é uma segunda dobra que também brinca com esse duplo movimento de dilatação e contração mas o espaço público exige que um espaço urbano tenha uma forma, que um lugar tome forma para um corpo. Colocar em forma e colocar em cena são experiências simultâneas. (MONGIN, 2009, p. 245)

Será que a “geografia da velocidade” conseguiu homogeneizar as formas de habitar na cidade? Não há corpos que desdobram esse ambiente? O que há nas cidades contemporâneas para além de *corpos passivos*?

Se olharmos para o modo como se multiplicam as práticas esportivas de rua (*skate, roller, le parkour, etc*) podemos seguir um fio condutor de práticas que

resistem à passividade dos corpos na cidade contemporânea, práticas que promovem um retorno à rua de atividades lúdico-desportivas antes confinadas em espaços especializados de lazer.

## **2.2 Corpos e cidades do passado: a disciplina**

No século XIX ocorreu uma grande mudança da relação entre práticas lúdicas e o espaço urbano. Até então, práticas corporais populares dominavam a cena nos meios urbanos com diferentes manifestações lúdicas baseadas principalmente nas atividades circenses.

Nos meios urbanos, são diferentes manifestações lúdicas de caráter popular com base nas atividades de artistas circenses que se impõem. Elas trazem ainda restos de uma concepção de mundo popular, a ambivalência característica da cultura popular da Idade Média e do Renascimento. De uma cultura não oficial e de um território e datas próprias: a praça pública, a rua e os dias de festa. (SOARES, 2005, p.24)

Carmen Lúcia Soares, em seu trabalho sobre a constituição da ginástica científica europeia, conta-nos que o Movimento Ginástico Europeu se construiu como contraponto a essas práticas. Solidifica-se um discurso de negação das práticas circenses e seus exercícios “sem utilidade”. Criam-se ginásios, locais específicos para a prática da ginástica, com equipamentos produzidos com fins específicos: modelar o corpo para produzir uma economia dos gestos a fim de evitar gastos “inúteis” de energia. É o nascimento da sociedade disciplinar de que nos fala Foucault:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2008, p. 199).

A essa altura é importante salientar a especificidade das ideias de Foucault sobre o poder. Para Foucault o poder não é sinônimo meramente de uma força repressora, antes é mais produtivo do que proibitivo:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 1979, p.148)

Deste modo, ao invés de qualificarmos o exercício do poder, melhor seria ajustar o foco em relação a como esse poder é exercido. Uma das principais características do poder é sua capilaridade. É como se o poder tivesse tentáculos capazes de absorver do social a matéria adequada para o seu modo de operar. É, portanto, nas extremidades da vida social, nas práticas sociais cotidianas que se deve prestar atenção para identificar e compreender a natureza do poder. Há aqui um claro contraponto às ideias de que, para entender o poder, deve-se prestar atenção em primeiro lugar nas práticas ligadas ao Estado e à economia política.

Foucault ancora sua análise do poder naquilo que chama de “micropráticas”. São essas práticas sociais que constituem a vida cotidiana nas sociedades modernas. Assim, Foucault chama atenção para uma política da vida cotidiana. Seu método é o que chama de **genealogia**.

A genealogia não está interessada na cultura enquanto meros signos, mas enquanto práticas. Contudo, não há uma hierarquização de “verdades” entre prática, discurso e representação. Tudo é interpretação. As práticas estão ligadas a formações discursivas ou regimes discursivos. Aqui “discurso” quer dizer uma maneira de disciplinar a percepção e o conhecimento engendrando *enunciados* que definem o que é que se diz e o que pode se dizer sobre um determinado objeto. Desse modo, se produz o conhecimento de um objeto, ou seja, equivale de certa maneira a produzir o próprio objeto, tornando-lhe inteligível sobre determinadas regras e procedimentos.

Os regimes discursivos para Foucault não se referem somente a ideias, conceitos, enunciados ou outras abstrações linguísticas, mas também a procedimentos e a práticas articuladas a tais discursos. As práticas discursivas são instituídas historicamente e, portanto, contingentes.

Sem dúvida podemos entender o nascimento dos chamados “esportes modernos” dentro dessa perspectiva. Os corpos que praticavam variadas formas de atividades lúdicas foram disciplinados pelos saberes surgidos dentro desse contexto social de disciplinarização. Norbert Elias, com uma metodologia própria, ao traçar a sociogênese do esporte situa-o no processo mais amplo da sua ideia de “processo civilizador”:

Neste aspecto, o regime parlamentar apresenta certas afinidades com os jogos desportivos. Esta aproximação não é acidental. Um tipo específico de actividades de lazer, como, por exemplo, a caça, o boxe, a corrida e alguns jogos de bola, assumiu as características de

desporto e, de facto, foi designado por desporto pela primeira vez na Inglaterra, durante o século XVIII, isto é, no mesmo período em que as antigas Assembleias de Estado, a Câmara do Lordes e a Câmara dos Comuns, representando camadas da sociedade restritas e privilegiadas, constituíram a principal área de confronto onde se determinou quem deveria formar governo. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 51)

Nesse cenário, o surgimento do desporto imbrica-se com um processo de disciplinarização e organização dos corpos no ambiente urbano. Surgiam nas cidades lugares próprios para o lazer, como ginásios, estádios, parques etc. O lazer era de certa forma um momento de acúmulo de energia para o trabalho. Daí o incentivo e a “escolha” por certo tipos de jogos que poderiam contribuir para edificar o corpo para **produção**.

### **2.3. Século XX: morte e vida da rua**

No século XX, particularmente após as grandes guerras mundiais, o urbanismo conseguiu penetrar de forma decisiva como saber legítimo para guiar ações estatais de planejamento urbano. O documento balizador do modo como o urbanismo modernista encarava a cidade é a *Carta de Atenas*. O manifesto, escrito em 1933, foi resultado do IV encontro do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), que reunia os principais nomes do modernismo na arquitetura. O mais destacado dos envolvidos era o arquiteto Le Corbusier.

Para Le Corbusier o novo homem que emergia da sociedade industrial necessitava de outra cidade, na qual houvesse planejamento e racionalidade. Tudo deveria funcionar como uma engrenagem, cada coisa no seu lugar: uma área para o

lazer, uma área para habitação, uma para o trabalho etc. O automóvel ganha aqui uma centralidade até então inédita.

As reformas urbanas do final do século XIX ocorreram antes do advento da produção de carros em linha. As intervenções eram feitas para facilitar o escoamento de mercadorias, bem como evitar grandes convulsões sociais. Havia certa preocupação com a monumentalidade das ruas:

O ideal urbanístico de Haussmann eram as visões em perspectiva através de longas séries de ruas. Isso corresponde à tendência que sempre do novo se pode observar no século XIX, no sentido de enobrecer necessidades técnicas fazendo delas objetivos artísticos. As instituições da dominação laica deveriam encontrar a sua apoteose no traçado das avenidas: antes de serem inauguradas eram recobertas por uma lona e depois descobertas como monumentos. (BENJAMIM, 1991, p.41)

Porém, manteve-se certo caos na vida urbana que incomodava os modernistas. As ruas deveriam deixar de ser o lugar do *flâneur* para se tornar o lugar do tráfego. Para Le Corbusier a antiga rua deveria morrer (BERMAN, 1987: 162). Lê-se na *Carta de Atenas*:

Aquilo que era admissível e até mesmo admirável no tempo dos pedestres e dos coches pode ter-se tomado, atualmente, uma fonte de problemas constantes. Certas avenidas concebidas para assegurar uma perspectiva monumental coroada por um monumento ou um edifício, são, no presente, uma causa de engarrafamento, de atraso, e, às vezes, de perigo. Essas composições de ordem arquitetônica deveriam ser preservadas da invasão de veículos mecânicos, para os quais não foram feitas e à cuja velocidade nunca poderão ser adaptadas. A circulação tornou-se hoje uma função primordial da vida urbana. Ela pede um programa cuidadosamente estudado, que saiba prever tudo o que é preciso para regularizar os fluxos, criar os escoadouros indispensáveis e chegar, assim, a suprimir os engarrafamentos e o mal-estar constante de que são a causa. (LE CORBUSIER, 1993, p. 30)

O exemplo mais bem acabado da utopia racionalista modernista é a cidade de Brasília. O plano piloto da capital federal foi totalmente pensado a partir dos cânones modernistas, essa cidade sem esquinas provoca um profundo impacto no visitante. O projeto de Brasília mostra como o modernismo desejava acabar com a rua enquanto espaço público. As ruas de Brasília são totalmente pensadas para o fluxo de automóveis. Não há o que ver na rua, o *flaneur* nesse tipo de cidade simplesmente não existe.

A rua não é mais lugar de encontros e tensões. As grandes avenidas levam de um ponto A para um ponto B, preferencialmente de carro. Não há aglomerações de pessoas em calçadas. Tudo deveria funcionar como uma grande máquina. As ruas são artérias que fazem o fluido dessa máquina funcionar, não há mais lugar para sociabilidade de encontro na rua (HOLSTON, 1993, p. 111).

A utopia racionalista do urbanismo modernista balizou ações estatais de intervenção no ambiente urbano durante décadas. Não por acaso tanto no mundo “socialista” quanto no mundo “capitalista”. Na verdade era uma expressão do *enunciado* de organização e disciplinamento dos corpos que foi se tornando dominante desde o século XIX.

O paradigma racionalizador permeava as duas “ideologias” conflitantes no pós-guerra. No lado capitalista organizava-se com fim de maximizar a produção e fazer andar mais rápido a engrenagem da máquina capitalista. Do lado “socialista” a ideia de economia planificada procurava mostrar o “socialismo real” como ainda mais racional do que o capitalismo.

Não é sem efeito que as competições esportivas se transformaram em um palco de disputas entre os dois blocos. Procurava-se mostrar por meio das vitórias esportivas, especialmente nos Jogos Olímpicos, qual era o sistema que conseguia levar o corpo humano a um melhor desempenho. Cada bloco tentando ser o mais “racional” e “científico” que o outro.

Todavia, no final da década de 1960, os dois blocos seriam abalados por erupções sociais até então inimagináveis. Não se tratava somente de revoltas com a finalidade de mudanças político-econômicas, mas, sobretudo questionava-se o modo de organização da vida como um todo. A ciência e a técnica não eram mais sinônimos de libertação. “Nosso modernismo não passa de uma modernização da polícia”, lia-se nas ruas de Paris, em maio de 1968 (MATOS, 1981, p.12).

As revoltas de maio de 1968 são um marco na retomada das ruas como espaço de intervenção. Barricadas e grafites em Paris fazem a crítica da vida cotidiana. A poesia estava de volta às ruas, *sous le pavé, la plage* (sob o calçamento, a praia) dizia um desses grafites. A rua voltava a ganhar relevância e sobrevida após a tentativa de assassinato perpetrada pelos cânones modernistas. Conforme mostra Matos:

Os grafitis dão uma nova dimensão à cidade, dela se reapropriam: “Eles provêm, diz Baudrillard, da categoria do território. Eles territorializam o espaço urbano decodificando-o – esta rua, aquele muro, tal quarteirão assume vida através deles, tornando-se território coletivo. E eles não se circunscrevem ao gueto, eles exportam o gueto para todas as artérias da cidade, eles invadem a cidade branca e revelam que ela é o verdadeiro gueto do mundo ocidental.” (MATOS, 1981, p. 60)

A partir daí assistimos nas últimas décadas um crescimento cada vez maior de práticas inscritas dentro da ideia de “cultura de rua”. A rua que fora ameaçada de morte pelo modernismo retorna agora tanto como arena pública como uma categoria de resistência cultural. Claro, os lazeres urbanos serão deveras afetados por essas mudanças.

#### **2.4 Lazer e sociedade de controle (esportes urbanos)**

Não se pode analisar um esporte em particular de maneira independente em relação ao conjunto de práticas esportivas, é preciso reconhecer os valores distintivos que estabelecem certa posição que uma determinada prática ocupa dentro de um sistema de práticas esportivas (BORDIEU, 2004: 208). Ao debruçar-se sobre a dinâmica do sistema esportivo francês, após a década de 1970, Pociello identifica quatro funções sociais que as práticas esportivas assumem de forma conjunta e concorrente, a saber: uma função integrativa e federal (responsável pela produção e gestão de uma elite esportiva, que por sua vez será responsável pela regulamentação e controle do esporte associada aos poderes estatais); uma função educativa e escolar; uma função espetacular e midiática (responsável pela gestão e distribuição dos “produtos” esportivos) e uma função lúdica e transgressiva (POCIELLO, 1994:158). Conforme nota Sant’Anna:

*Os esportes californianos, por exemplo, que se expandem em várias partes do mundo a partir dos anos 70, têm por objetivo menos o cansaço salutar – característico dos antigos esportes comprometidos com os ideais higienistas de salvação de uma raça – do que a vivência de sensações de prazer, físicas e mentais, imediatas e inovadoras. O surf, a asa delta, o wind-surf, por exemplo, conduzem o*

olhar do esportista menos em direção à força realizada por seus músculos do que às flexibilidades motoras que ele é capaz de manter sob controle. De onde se explica, nessas atividades, o emprego de verbos que evocam o prolongamento de sensações de prazer e de controle o conjunto dos movimentos, tais como voar, escorregar, equilibrar. (SANT'ANNA, 2000, p. 3)

As aprendizagens tradicionais em escolas, com mestres e regras rígidas são cada vez mais questionadas por essas práticas “lúdico-transgressivas”. Seriam essas práticas uma espécie de esporte da sociedade de controle? Nas palavras de Deleuze:

É certo que entramos em sociedades de “controle”, que já não são exatamente disciplinares. Foucault é com frequência considerado como o pensador das sociedades de disciplina, e de sua técnica principal, o *confinamento* (não só o hospital e a prisão, mas a escola, a fábrica, a caserna). Porém, de fato, ele é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. (DELEUZE, 2007, p.216, grifos meus)

Foucault ao falar sobre a relação entre corpo e disciplina nos diz:

Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder mais tênue sobre o corpo. (FOUCAULT, 1979, p.148)

Pode-se inferir que o surgimento dessas novas práticas só pode se dar nesse contexto de afrouxamento das normas disciplinares em benefício das novas formas

de controle. Se entender-se, como Foucault, que o controle na sociedade capitalista começa no corpo, como uma realidade bio-política (FOUCAULT, 1979, p. 80), esta-se diante de uma forma de lazer que só pode surgir com o desenvolvimento da “sociedade de controle”. “O Homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*” (DELEUZE, 2007, p. 223)

A emergência dessas novas formas de lidar com o corpo, a partir do final dos anos 1960, mostra como a hipótese do poder não ser meramente repressor é extremamente produtiva:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo que é atacado... o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... (FOUCAULT, 1979, p. 146)

A máquina capitalista contemporânea não exerce mais seu poder somente pelo paradigma da fábrica. O que Deleuze diz com esse conceito de “sociedade de controle” é que há mais de um *regime discursivo* atuando sobre os corpos. Nesse sentido, Deleuze mantém-se fiel ao conceito de poder capilar de Foucault. O poder não precisa mais somente aprisionar, confinar. Ao longo dos anos, novas técnicas

agoram permitem uma *modulação* dos corpos. O poder da sociedade de controle é eficaz na medida em que não encerra nada:

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo estados metaestáveis e coexistentes de uma modulação, como de um deformador universal. (DELEUZE, 2007, p 221-2)

Nos lazeres, o surgimento dos chamados “esportes radicais” revela muito sobre essa passagem. Ocorre um processo incessante de individualização das práticas junto com a invenção de novas máquinas lúdicas que possibilitam cada vez mais gestos novos bem como a exploração de novos lugares de práticas. O maior exemplo talvez seja o *skateboard*.

O *skateboard*, que há alguns anos era alvo de restrições severas por parte do poder público<sup>16</sup>, é hoje alvo de inúmeras ações estatais visando principalmente a construção de locais próprios para sua prática (os chamados *skateparks*), percebe-se que a tentativa de “enquadrar” essas práticas em locais próprios, à maneira de campos ou ginásios, claramente não impede que desapareçam as práticas em espaços não esperados, pois esse tipo de atividade possui uma relação com o corpo que rejeita, em maior ou menor grau, formas pré-estabelecidas de como lidar com atividade corporal e privilegiam um processo contínuo de construção e transformação da prática. Para Maurício Olic:

---

<sup>16</sup> O ano de 1988 foi paradigmático, conforme relata o skatista Fabio Bolota: “em junho o esporte sofre o primeiro grande baque: o skate é proibido no Parque do Ibirapuera. Por ordem do então prefeito polêmico, Jânio Quadros. Passeata e manifestações são acionadas para recuperar o ‘patrimônio’ do skate nacional de várias gerações. Indignado com a ‘peitada’, o prefeito proíbe o skate em toda a cidade” (CHAVES, C; BRITTO, 2000, p. 38).

Com isso, a pista de *skate* apresenta uma certa ambiguidade, na medida em que permite ao skatista aumentar sua potência enquanto performance em cima do “carrinho”, haja vista que “todo progresso se faz por e no espaço estriado” (DELEUZE; GUATARRI, 1997: p. 195). Mas, por outro lado, a segurança e a comodidade que a pista produz podem levar a uma certa impotência do skatista, no sentido de deslizar por um “espaço liso” que produza diferentes formas de ocupação do espaço urbano. No entanto, o skatista sente a necessidade de transbordar o “espaço estriado”, sente um desassossego para que possa criar e produzir novas intensidades, riscos e desafios (aprender novas manobras), além de que ele busca compartilhar seus excessos, isto é, mostrar suas manobras, sua técnica e habilidade para um universo maior de skatistas que não só aqueles do seu “pedaço”. Isto faz com que, se as políticas públicas constroem o ponto, o skatista produza a linha; onde ele irá tomar o “espaço urbano como um sonho de pedra que liberta o homem do fechamento” (OLIC, 2008).

Poderíamos dizer que no caso do *skatebord* há um *corpo* contra uma forma arquitetônica disciplinar? Hardt observa que o espaço público na “sociedade mundial de controle”:

A paisagem urbana não é mais a do espaço público, do encontro casual e do agrupamento de todos, mas dos espaços fechados das galerias comerciais, das auto-estradas e dos condomínios com entrada privada. A arquitetura e o urbanismo de certas megalópolis, como Los Angeles e São Paulo, tenderam a limitar o acesso público e a interação, criando, antes, uma série de espaços interiores protegidos e isolados. (HARDT, 2000, p. 360)

O que a relação do *skatebord* com o poder público nos mostra é que a crise da disciplina não quer dizer necessariamente uma democratização dos espaços. A cidade é palco de disputas, não do mesmo tipo dos anos 1960, onde a rua era palco de manifestações políticas. Agora o que se disputa é o uso do equipamento urbano como parte das possibilidades do corpo. A disciplina criou *corpos dóceis*, produtivos.

Cabe ao controle *modular* esses corpos, que agora reivindicam um espaço urbano não especializado, onde tudo tem seu devido lugar, mas um espaço urbano onde as possibilidades de uso sejam infinitas.

Essa nova situação do urbano leva a um conhecido discurso de que vive-se um eterno caos e degradação da cidade. Será que se deve jogar água no monjolo desse discurso? Como fugir dessa armadilha? Para Certeau deve-se:

Analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçam em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constiuem regulações cotidianas e criatividades su-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos aos discursos, hoje atravancados da organização observadora. (CERTEAU, 1994, p. 175)

Para escrever uma história do corpo na sociedade de controle, deve-se pois, ficar atento às táticas de usos da cidade que, nos últimos anos, veem cada vez mais permeando o ambiente urbano. Táticas que, se olhadas mais de perto, mostram mais do que uma simples fragmentação da “condição pós-moderna”.

A Antropologia Urbana aqui se mostra como um campo essencial se permitir a incorporação do ponto de vista desses atores, se for capaz de mostrar a cidade para além dos discursos do poder e da fragmentação (MAGNANI, 2002, p.15).

A própria escala de uma megacidade impõe uma modificação na distribuição e na forma de seus espaços públicos, nas suas relações

com o espaço privado, no papel dos espaços coletivos e nas diferentes maneiras por meio das quais os agentes (moradores, visitantes, trabalhadores, funcionários, setores organizados, segmentos excluídos, “desviantes” etc) usam e se apropriam de cada uma dessas modalidades de relações espaciais. Para além da nostalgia pela “velha rua moderna” de Berman ou do “balé das calçadas” de Jane Jacobs, certamente haveria que se perguntar se o exercício da cidadania, das práticas urbanas e dos rituais da vida pública não teriam, no contexto das grandes cidades contemporâneas, outros cenários: para tanto, é necessário procurá-los com uma estratégia adequada (MAGNANI, 2002, p.15).

O espaço público enquanto locus por excelência do conflito inclui agentes e mobiliza agenciamentos muito mais diversos e contraditórios do que costuma-se identificar, enquanto a arte como *locus* da experiência promove percepções espaço-temporais muito mais complexas do que sugerem os efeitos moralizadores atribuídos à contemplação cenográfica (BRITTO&JACQUES, 2009, p.339).

É preciso que se faça uma história dos espaços urbanos sob o ponto de vista dos praticantes, ou seja, uma história cada vez mais antropológica!

### CAPÍTULO 3: APRENDENDO A CONSTRUIR UMA CIDADE LÚDICA

Nesse capítulo descrever-se-á a experiência no treinamento de *Parkour* mostrando seus impactos para a experiência etnográfica, principalmente no modo como o corpo do etnógrafo passou a ter a possibilidade de construção de uma *cidade lúdica*.

No início, três grupos estavam elencados como interlocutores privilegiados: Associação de *Parkour* do Grande ABC (PKABC), Geração *Traceur* (GT) e *Parkour* Brasil.

A PKABC, situada em Santo André, dos três grupos elencados era o que se mostrava mais zeloso por uma prática do *Parkour* mais ligada a concepções que consideram originais da prática. Os treinos realizados pela PKABC, não raro, eram precedidos por um debate sobre temas ligados à filosofia do *Parkour*. A maioria dos treinos era marcada pela *internet* na página de relacionamento Orkut.com. No tópico relativo ao treino, são feitas inscrições para os interessados em participar; logo ao lado do nome, o interessado informa se é sócio ou não-sócio. Ao chegar ao local marcado, há uma lista de presença feita pelo *traceur* responsável pelo treinamento a partir das inscrições feita no Orkut.

Antes do aquecimento para o treino, forma-se um círculo para debater algum tema proposto, geralmente, pelo responsável pelo treino. Certa vez, quando se debatia sobre as relações entre a PKABC e os demais grupos, um dos *traceurs* exaltou a PKABC por recusar convites para participar de comerciais de televisão que deturpariam o sentido da prática. Fora contada uma história sobre um *traceur* conhecido que, ao participar de uma peça publicitária de uma marca de tênis, contudara-se seriamente por causa da repetição exagerada de um mesmo

movimento. Esse rapaz teria ficado mais de um ano sem poder treinar e servira de exemplo de como era danosa à prática para ganhar dinheiro esquecendo-se dos ideais originais do *Parkour*. O *traceur* que contara a história disse que isso dificilmente aconteceria com alguém da PKABC pois: - “Como dizem por aí (refirindo-se a outros grupos) nós praticamos o “Parkour filosófico”, aqui ninguém ganha dinheiro para fazer Parkour”.

É muito comum ouvir integrantes da PKABC se contraporem a todo momento ao grupo *Geração Traceur*, considerado por estes como um grupo “que tem lucro com o Parkour sem acrescentar nada para a melhoria da prática”, falam principalmente de um *traceur* proeminente desse grupo, que só estaria organizando encontros e grupos para “ficar conhecido e obter lucros pessoais”.

O *Geração Traceur* se orgulha dos contatos com *traceurs* de toda parte do mundo, inclusive tentando sempre se colocar como uma espécie de interlocutor “oficial” entre *traceurs* estrangeiros, principalmente franceses, e os grupos brasileiros. Os treinos para iniciantes organizados pelo “GT” geralmente acontecem no Parque do Ibirapuera e contam com uma grande quantidade de pessoas. Diferentemente dos treinos da PKABC, não há nenhum tipo de conversa anterior ao treino, geralmente alguns integrantes mais experientes começam a fazer algum tipo de aquecimento e logo começam a executar movimentos extremamente precisos. O GT é também um dos maiores responsáveis pela divulgação de alguns dos mais famosos vídeos brasileiros de *Parkour* na *internet*.

O *Parkour* Brasil é considerado o precursor da prática no país e, por isso mesmo, é respeitado tanto pela PKABC quanto pelo GT. A maioria dos *traceurs* mais experientes, dos dois grupos, dizem ter iniciado a treinar por influência de algum integrante do *Parkour* Brasil, que é acionado tanto pelo GT, quanto pela PKABC, como interlocutor legítimo e com um respeito quase solene. Geralmente é esse

grupo que costura a presença de grupos divergentes como a PKABC e o GT em grandes eventos que reúnem inúmeros grupos de *traceurs*. Como, por exemplo, ocorreu em São Paulo no mês de Julho de 2009 por ocasião do “ano da França no Brasil”. Na PKABC pode-se ouvir que só participarão do encontro “*para conversar com gente boa do PK Brasil, e, com traceurs estrangeiros que virão para o encontro*”.

### 3.1 Entrando no campo via *internet*

O primeiro contado de “campo” com *traceurs* deu-se no ciberespaço. A essa altura, ainda na fase de pesquisa exploratória, já começava a ficar claro a importância que o advento da *internet* possuía na construção e difusão da prática do *Parkour*, como já fora salientando no capítulo1, particularmente os *sites* que permitem a divulgação de vídeos amadores, a maioria das pessoas conhecem a prática assistindo a esses vídeos na *internet*. A prática de divulgar vídeos levanta algumas polêmicas já que, para alguns, tal prática contrariaria a “filosofia” do *Parkour* de priorizar uma prática mais funcional do que estética. No site *parkournobrasil* pode-se ler:

O *parkour* nasceu para o mundo assim e por enquanto ele continua sendo transmitido dessa forma. Você não compete no *parkour*, você produz um vídeo, é admirado pelos que assistem e fica querendo saber as opiniões. É como a maioria dos artistas que produzem sua arte. Assim como posso preferir um grupo de música a outro, posso gostar mais de um estilo de um *traceur* que o de outro.

Ao refletir sobre o papel do vídeo na prática do *Le Parkour* pode-se, sem muito risco, aproximá-la à dança, pois, similarmente, seu processo de aprendizagem e transmissão é essencialmente mimética. Bourdieu ao analisar a constatação de que as observações mais pertinentes sobre a dança partem mais de amadores esclarecidos, do que os próprios dançarinos, ou mesmo críticos de dança, lança a hipótese de que esse fenômeno deve-se ao fato da dança ser a única das artes eruditas cuja transmissão é inteiramente mimética. Para o autor:

Isso em razão da ausência de qualquer objetificação numa escritura adequada (a ausência do equivalente da partitura, que permite distinguir claramente entre partitura e execução, leva a identificar a obra à *performance*, a dança ao dançarino). Poderíamos, nessa perspectiva, tentar estudar o que foram os efeitos, tanto na dança como no esporte, da introdução da filmadora. Uma das questões colocadas é saber se é preciso passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo, se quando se fala ao corpo com palavras, são as palavras precisas teoricamente, cientificamente, aquelas que fazem o corpo compreender melhor ou se, às vezes, palavras que não têm nada a ver com a descrição adequada do que se quer transmitir não são mais bem compreendidas pelo corpo. (BORDIEU, 2004, p. 219. *Grifos meus*)

O processo de construção dos modos de utilização legítima do corpo pelos praticantes está imbricado com o da produção e divulgação da imagem do corpo em movimento. Dessa forma, os praticantes podem aprender armazenar e transmitir<sup>17</sup> a técnica corporal ao mesmo tempo que sancionam, ou não, um determinado uso do corpo. Tudo se transmite em um processo puramente mimético, possibilitado de ser

---

<sup>17</sup> Receber, emitir, conservar, transmitir: Estes são, todos, atos especializados do corpo. Em seguida, a imitação engendra a reprodução, a representação e a experiência virtual, termos consagrados pelas ciências, pelas artes e pelas técnicas de simulação por computador (SERRES, 2004, p. 69).

expandido pelo advento da *internet* e das tecnologias de divulgação e troca de vídeos amadores na rede.

O *site* preferido sem dúvida é o Youtube.com. Nesse *site* há centenas de vídeos com performances de *Parkour* das mais diversas partes do mundo. O *site* tem uma ferramenta importante que permite aos usuários tecer comentários a respeito do vídeo. Caso se analise alguns desses comentários, pode-se começar a demonstrar empiricamente as hipóteses até aqui esboçadas sobre o papel desses vídeos na construção da prática de *Parkour*.

Por exemplo, nos comentários de um vídeo intitulado “Filipinho Le Parkour na USP”, encontram-se vários elogios à performance do *traceur*, mas também os seguintes comentários: “Mortal não eh le parkour... o povo que queima... video repete muito, só faz um tipo de seshion”. De um outro *traceur*. “Cara vc não está fazendo 100% parkour no vídeo, e vc faz muitos vaults que não existe tipo muita fantasia... Como vc é meu xará toma cuidado com seus joelhos, melhora esse landing e seu rolamento o mais rápido possível”.

Essa tensão entre “o que é” e o que “não é” *Parkour* encontra-se na maioria dos vídeos, é um processo contínuo de construção de legitimidade sobre quais gestos corporais são “*Parkour* de verdade”. Esse fórum se estende até as comunidades do Orkut.com, sítio de relacionamentos utilizado como principal ferramenta de encontro entre *traceurs* para marcar treinos.

É na *internet*, portanto, que os pontos estruturais do *Parkour* sintetizam-se. O treinamento do corpo, a estruturação de novos espaços de prática e a formação de grupos de treinamento autônomos. Algum tempo após os primeiros treinos, o *traceur* cria uma cidade que só ele e seus iguais têm acesso. Nesse sentido, os vídeos

também passam a ser encarados de uma outra maneira após o nascimento de um *habitus traceur*.

A *internet* aqui não é só mais uma meio de “proselitismo esportivo”, mas uma ferramenta fundamental para a prática. Se, no caso de Wacquant, o *GYM* tinha um papel central na construção do *habitus* pugilístico, podemos arriscar que a *internet* cumpre um papel análogo em relação à prática de *Parkour*.

De certa forma, há uma comunicação entre situações urbanas. A cidade que cada *traceur* criou para si ajuda a estruturar outras cidades, criadas por outros *traceurs* de toda parte do globo. Há uma comunicação entre corpos, cidades e gestos que se territorializa nas “cidades de pedra” em cada treino. Um fluxo global de trocas corporais que encontra no elemento urbano um ponto comum.

No encontro filosófico-teórico organizado pela PKABC em junho de 2009, essa questão dos vídeos foi, sem dúvida, uns dos tópicos mais discutidos. A questão central era se a proliferação dos vídeos estava ou não deturpando o sentido da prática. Para alguns dos participantes, os vídeos em sua maioria não passam de “autopromoção”, como já fora abordado no capítulo 1. Logo a discussão caminhou no sentido da relação “dinheiro x *Parkour*”.

Contou-se um caso sobre um *traceur* que fora convidado para participar de um comercial de tênis da marca OLK. Segundo o relato, esse rapaz teria ganho cerca de mil e quinhentos reais para gravar o comercial. Ao longo da gravação ele teria se submetido a longas repetições de saltos “mortais” devido ao caráter detalhista das gravações publicitárias. Pois bem, esse *traceur*, por causa dessa série de repetições, teria contundido seriamente seu tornozelo. O gasto com tratamento médico teria custado o dobro do cachê, além de ter de ficar mais de um ano afastado dos treinamentos. Ou seja, nesse caso, o desejo de autopromoção e lucro

com o *Parkour* levou o *traceur* a praticar movimentos que não faria normalmente de forma repetitiva, deturpando o sentido da prática, ou seja, “treinar *Parkour* para você mesmo, não para os outros”.

### 3.2 O primeiro treinamento na cidade

Em dia típico de garoa em São Paulo ocorreu a primeira experiência de treinamento de *Parkour* desta pesquisa. O caminho seguido para chegar ao local onde haveria um treino para iniciantes foi o mesmo da maioria dos aspirantes a *traceur* presentes. Primeiro entra-se em uma comunidade de *Parkour* na *Internet*, nesse caso a comunidade do Orkut “Le Parkour São Paulo”, depois se verifica quando haverá um treino para iniciantes, por fim, é só aparecer na hora e local marcados com roupas apropriadas<sup>18</sup>.

O ponto de encontro era atrás do prédio da Bienal no Parque do Ibirapuera. Ao chegar ao local na hora marcada, havia somente algumas pessoas fazendo algum aquecimento e se protegendo da garoa sob a marquise do prédio. Como não conhecia ninguém, comecei perguntando de que região da cidade eles vinham. “Zona Sul, Campo Limpo” respondeu um deles, “Guaianazes” disse o outro rapaz que parecia um pouco tão desajeitado quanto eu. Logo percebi que seria inútil tentar estabelecer algum tipo de divisão por zona da cidade dos participantes, na verdade, a característica principal era a presença de pessoas das mais diferentes regiões da área metropolitana.

---

<sup>18</sup> Tênis com bom amortecimento e calças largas que permitam variados movimentos com as pernas ao mesmo tempo em que protejam das inevitáveis quedas.

Na medida em que aumentava a quantidade de pessoas, logo alguns *traceurs* começaram a treinar “escalada” no muro atrás do prédio. As investidas contra o muro causavam um certo espanto nas pessoas que passavam pelo local. Sem dúvida era um dia diferente para os frequentadores do parque; alguns metros depois de onde se dava o início do treinamento, acontecia uma exposição sobre o filme *Star Wars*, havia dezenas de pessoas fantasiadas de personagens do filme circulando pelo local.



FOTO 4 - *Traceur* escalando muro atrás do prédio da Bienal

Na mesma proporção em que aumentava o número de pessoas investindo contra o muro, criava-se uma certa plateia que tentava entender o que faziam aqueles jovens. Sem dúvida àquela altura chamávamos mais atenção do que os fantasiados da exposição! Dois guardas metropolitanos só observavam a cena sem maiores reações.

Começaram a se formar pequenos grupos de *traceurs*; nesse momento me aproximei de um desses grupos e me apresentei como iniciante que, além de começar a treinar naquele momento, estava interessado em conhecer mais sobre o assunto. Um deles me perguntou se já conhecia alguém ou algum grupo, respondi

que havia tido contado com o Jean (então presidente da ABPK<sup>19</sup>), em um encontro de *Parkour* que ocorrera na USP, ainda na fase exploratória da pesquisa. Um dos interlocutores me diz: “O Jean? O “dono” do *Parkour*”. Foi a primeira vez que pude perceber mais claramente que a prática de *Parkour* estava longe de engendrar um grupo homogêneo e coeso sobre os significados da prática. Muito pelo contrário, a principal característica é justamente a pluralidade de visões e formas de se praticar *Parkour*, mesmo em um contexto relativamente localizado como São Paulo. Na verdade, como observa Adamkiewicz :

En rompant avec les formes traditionnelles du sport, les pratiquants autonomes revendiquent une liberté et une visibilité qu'ils ne trouvaient pas dans un système fédéral très structuré, proposant principalement des espaces très spécialisés à accès réglementé.(ADAMKIEWICZ, 1998, p. 50)

Ainda no mesmo local, dois *traceurs* começaram a organizar uma sessão de aquecimento precedida por uma breve exposição sobre *Parkour*. Nessa breve exposição, procurou-se enfatizar os “perigos de sair por aí pulando muros altos como se isso fosse fazer “*Parkour*”, principalmente devido ao risco de acidentes sérios. Foi explicado que os vídeos que os iniciantes assistem na *internet* são fruto de muito tempo de treinamento, além disso, são sempre fruto de edições de imagens que quase sempre ignoram acidentes e quedas.

Havia nesse encontro alguns jovens entre 10 e 14 anos acompanhados de seus pais, certamente esse discurso inicial agradara bastante os responsáveis que

---

<sup>19</sup> Associação Brasileira de Parkour.

começavam a entrar em contato com uma prática corporal que só conheciam provavelmente por meio de vídeos que seus filhos assistiam na *internet*. A própria presença desses pais indicava certa preocupação com esse “esporte de malucos que pulam prédios”.

O aquecimento inicial era familiar para quem já havia praticado alguma atividade física. Havia uma preocupação com as pernas braços e pescoço, mas, nada até ali que não se conhecesse de aulas de educação física no colégio. Eis que a garoa paulistana retorna e somos obrigados a nos abrigar sob a marquise da Bienal.

Nesse momento do aquecimento, somos apresentados aos movimentos específicos de aquecimento do *Parkour* inspirados no Método Natural de Educação Física. Começamos o aquecimento sob a marquise da Bienal realizando os movimentos de quadrupedia. Sem dúvida são movimentos extremamente constrangedores para os iniciantes, além de exigir bastante dos músculos. A esta altura já éramos por volta de 60 pessoas, inevitável que se forma-se uma plateia de curiosos. Ao mesmo tempo, um grupo de *traceurs* começara a se exercitar em alguns andaimes de uma obra do prédio.

Passada a fase do aquecimento, começou-se a discutir quais os tipos de movimentos seriam apresentados aos iniciantes. As opções eram: rolamentos, “saltos de precisão”<sup>20</sup> e “speed Vault”<sup>21</sup>. Como o treino se dava em ambiente coberto, os dois *traceurs* que organizavam o aquecimento sugeriram não treinar rolamentos para que nenhum iniciante se machucasse no concreto. Mal havia

---

<sup>20</sup> Pular de forma precisa e harmônica de um traçado A para um B utilizando somente o movimento de pernas.

<sup>21</sup> Ultrapassar um obstáculo após uma breve corrida apoiando uma mão nele.

terminado de dar a sugestão três *traceurs* formaram um fila indiana e realizaram rolamentos no concreto. Mais do que somente um pequeno gesto de insolência, esse episódio marca uma característica do *Parkour* de questionar o possível surgimento da figura de um “professor” ou “mestre”.

Realizamos primeiramente “saltos de precisão”, os movimentos foram realizados no solo, de uma linha para outra do calçamento. A ideia era ensinar como amortecer o salto e aterrissar com segurança de um obstáculo para outro. A todo momento éramos lembrados da importância do amortecimento do salto a fim de se evitar uma sobrecarga nos joelhos. Terminados esses exercícios, formou-se uma fila indiana com o objetivo de realizar os *speed vaults*.

O percurso consistia em atravessar uma rampa de acesso ao prédio da Bienal realizando dois *speed vaults*. Logo após um dos organizadores do treino demonstrar como poderia ser realizado o exercício, os participantes começaram a realizar os movimentos. As quedas inevitáveis eram seguidas de incentivos do tipo “você está bem? É só melhorar o salto. Volta lá!”. Não se observava nenhum comentário de tipo pejorativo em relação a esses pequenos acidentes.

Chegada a minha vez, depois de perceber que não seria alvo de “zueria” por parte dos demais, estava de certo modo tranquilo. Na medida em que comecei a investir em direção à rampa, minhas pernas pareciam ficar mais pesadas, como se meu corpo estivesse negando-se a atravessar o corrimão pelo caminho “errado”. Inevitavelmente “refuguei” no primeiro salto. A sensação não era de medo de uma possível queda, mas algo me impedia de realizar aquele salto com a fluidez necessária. Faltava-me, claramente, uma educação do campo visual, como já fora mencionado anteriormente. Mais, nesse momento podia lembrar as broncas que

recebia na infância quando pulava os corrimões da escada de casa. Ficava claro naquele momento que o que estava em jogo era muito mais do que simplesmente um medo da queda. O que estava sendo colocado em questão era uma educação corporal a que todos somos submetidos desde a mais tenra infância. Esse “momento fecundo” foi sem dúvida importantíssima para repensar as relações entre espaço e corporeidade (mais a frente retomar-se-á essa questão).

Concomitantemente ao treino dos iniciantes, na rampa, alguns *traceurs* escalavam andaimes de uma reforma e também a parte externa do prédio da Bienal. Um dos organizadores comentava sobre o perigo de treinar naquele muro devido a presença de janelas, que, se fossem quebradas, trariam problemas com a direção do parque. Poucos segundos depois desse comentário começam a surgir guardas municipais. Primeiro uma moto, depois bicicletas e finalmente algumas viaturas.

Eles foram se aproximando lentamente a espera de um interlocutor, nesse momento os dois *traceurs* que organizavam foram ao encontro dos policiais. Aproximei-me deles a fim de entender o motivo da interpelação, já que o Ibirapuera não era um lugar hostil para os *traceurs*. O policial pergunta o que nós estávamos fazendo ali; um dos *traceurs* fala que era um treino de *Parkour* e pergunta se o policial conhecia a prática. “Sei sim, já vi alguns de vocês por aqui” comenta o policial, e continua “Recebemos um aviso de depredação e temos de averiguar”, revela o GCM( guarda civil metropolitano). Um dos *traceurs* comenta que tinha avisado para o pessoal não treinar nos andaimes, mas que era difícil controlar a galera. O GCM diz que conhece alguns pequenos grupos que treinam no parque, mas, que, pela quantidade de pessoas aquele dia, estávamos “chamando muita atenção”.

O policial pergunta se éramos de alguma associação, e se tínhamos feito um pedido de autorização formal para a direção do parque, a fim de estabelecer um local fixo para o treinamento. Os dois *traceurs* comentaram que havia gente de toda parte da cidade e que o treino seria feito principalmente para iniciantes, e que estávamos especificamente ali devido a chuva ter deixado outras áreas do parque muito escorregadias.

Desfeito o mal-entendido em relação ao “vandalismo”, o treino foi lentamente chegando ao fim, cada qual combinando com o pessoal mais próximo treinar na sua região. Esse incidente é exemplar para esclarecer as relações entre *traceurs* e o Estado. Entre a maioria dos *traceurs* existe uma preocupação muito grande com o patrimônio público. É muito comum ouvir a recomendação de não utilizar monumentos históricos para treinar, pois o risco de arrumar problemas com a prefeitura é grande, além do mais, como no caso da Oca do Ibirapuera, a maioria desses equipamentos não oferece grandes possibilidades de treino.

### **3.3 Treinos com a PKABC**

No treino descrito acima, entrei em contato pela primeira vez com integrantes da PKABC. Nesse período, eles tinham convênio com a Fefisa (Faculdade de Educação Física de Santo André). No ginásio da faculdade treinavam em ambiente fechado com alguns equipamentos de ginástica. Sem dúvida era um caso muito particular que chamava muita atenção em relação a outras formas de treinamento.

Quando se realizou a primeira incursão de campo com a PKABC, esse convênio já havia acabado, contudo, não era só no tipo de treinamento que a PKABC mostrava-se interessante do ponto de vista etnográfico. Uma característica que chama muita atenção nesse grupo é o interesse por textos teóricos e históricos em relação à prática. No sítio da associação, na *internet*, podem-se encontrar textos e reflexões de integrantes e publicações de pessoas de fora, desde relatos de praticantes, até textos de professores de Educação Física sobre as implicações fisiológicas do treinamento.

O primeiro treino com a PKABC deu-se no Parque Central de Santo André, lugar muito agradável com muito menos circulação que o Ibirapuera, quase com um ar de cidade do interior, com lagos nos quais se podem ver algumas pessoas pescando. O treino havia sido marcado na comunidade PKABC no Orkut. No tópico sobre o treino, cada um deixa seu nome e confirma ou não a presença.

Ao chegar ao local, após cumprimentar os presentes, a responsável pelo treino trouxe uma lista de presença em que constavam os nomes de quem havia marcado pela *internet*. Quando a maioria das pessoas já havia chegado, encaminhamo-nos até um outro local do Parque a fim de conversarmos sobre *Parkour* antes do treino físico.

Formou-se um pequeno círculo e logo os iniciantes foram chamados a se apresentar aos demais. A ideia era que contassem de onde eram, como conheceram o *Parkour* e se já haviam treinado alguma vez. Chegada minha vez, apresentei-me como estudante de Antropologia interessado em conhecer melhor a prática e a PKABC. Comentei que já havia treinado algumas vezes em São Paulo, no Ibirapuera, mas, que ainda era um iniciante.

Um dos temas tratados na conversa, que fora levantado por um iniciante, e que era particularmente caro ao etnógrafo, era a questão de treinar ou não em academias de musculação para melhorar a condição no treino. Como já fora mencionado, o *Parkour* tem no Método Natural de Hébert uma grande identificação. Ao comentar que tinha um histórico de sedentarismo, exceção feita a jogos de futebol aos finais de semana, e que, por isso, tinha me matriculado numa academia de musculação, ouvi uma série de ponderações negativas.

A primeira delas foi de um *traceur*. Ele comentou que quando havia começado a treinar em academia seus músculos de tornaram menos flexíveis, o que para ele havia retirado boa parte da fluidez de seus movimentos. Foi dito também que a questão principal não era só de força, mas de técnica. “Olha só o magrelo!”, disse um deles: “Ninguém dá nada quando vê esse moleque, mas ele faz coisas que quase ninguém aqui consegue”.

Treinar em academias, segundo eles, serviria muito mais pela questão estética do que prática. “É muito melhor você treinar flexão rolamento e tal...Coisas que você vai usar no *Parkour*”, disse-me um deles. Uma das poucas garotas presentes completou: “Ajuda pouco se você não quiser ficar “bombadinho” pra ir pra baladinhas...”

Certamente alguns deles passaram por essas academias, mas, o interessante é perceber como se valoriza o treinamento sempre com um fim prático. O senso comum aproxima os *traceurs* dos jovens que frequentam academias durante horas e horas, na verdade, a todo o momento esse tipo de treinamento é criticado como inútil, sem finalidade prática. Está-se, portanto, diante de um universo diferente do que se costuma chamar de “culto ao corpo”.

Ponto final na conversa, partimos para o outro lado do Parque para iniciar o treinamento. Mais uma vez o aquecimento deu-se com exercícios de quadrupedia. Num declive, formamos um círculo que se movimentava à medida em que nos movíamos utilizando mãos e pés e de forma lateral. Completadas duas voltas, inverteu-se o sentido do círculo. A essa altura, mão e joelhos já estavam vermelhos, um pouco por causa da terra, um tanto mais pela falta de costume em exercícios de solo. O aquecimento se completou com a realização de uma sessão de alongamento.

Já na parte mais alta do Parque, encaminhamo-nos para uma região onde havia alguns bancos de concreto que eram atravessados por uma pista de cascalho. Mais ao fundo, alguns obstáculos de madeira que serviam normalmente para alongamento de pessoas que se exercitam do parque.

Parte dos participantes encaminhou-se para uma construção, onde ficavam os banheiros e um mirante do parque, enquanto os iniciantes continuavam na região dos bancos descrita acima. Os primeiros exercícios foram os já comentados *saltos de precisão*. Dessa vez, o objetivo era pular de uma madeira para outra, que paralelamente contornavam a pista de cascalho. Pouco mais de um metro de distância. Durante todo exercício alguém fazia algum comentário sobre como os joelhos dobravam muito ou pouco, sobre a velocidade com que atingia o alvo, sempre com um tom de ajuda.

Passamos então a pular do alto da mesa do banco em direção à madeira da pista. Nesse momento, a preocupação com os movimentos do joelho aumentava mais. Depois de executar o movimento à exaustão, percebe-se certa fluência maior na ação. Encaminhamo-nos para os obstáculos de madeira para treinar *vaults*.

Desta vez, só tive dificuldade semelhante à encontrada no Ibirapuera uma vez. Hesitei algumas vezes antes de ultrapassar um obstáculo um pouco maior, logo uma *traceuse* que me acompanhava pegou na minha mão e disse: “Você está com medo! É só pensar que você vai conseguir. Olha junto comigo e diz “vou conseguir”. Essa dimensão de vencer os medos interiores sem dúvida é das mais enfatizadas como uma das vantagens em treinar *Parkour*.<sup>22</sup>

Terminado o treino no parque, encaminhamo-nos até uma passarela ao lado do *Shopping Center ABC*, distante uns 800 metros da entrada principal do parque. A passarela em estilo caracol ligava os pedestres de um lado da avenida até perto da entrada principal do shopping e dos pontos do corredor de ônibus. Claro, era um local de razoável circulação, já que era sábado e o movimento no shopping aumentava na medida em que a noite vinha se aproximando.

Atravessamos a passarela para treinar na “perna” ao lado do shopping. O principal exercício era dar uma pequena corrida e escalar na curva da passarela e atravessá-la até o outro lado com apenas três movimentos. O primeiro consistia em se fixar na parede da passarela, posteriormente atravessá-la com as duas pernas paralelas e repetir o mesmo movimento de dentro para fora.

Sempre havia alguém de olho na curva para ver se algum pedestre passaria naquele momento, entretanto, alguns sustos foram inevitáveis. Bem como as

---

<sup>22</sup> No *site* da PKABC podemos ler: Esta parte é talvez a mais interessante, visto que nenhuma outra atividade física é tão direta como o Parkour no desafio do medo e na falta de confiança. Uma vez ultrapassado o medo, existe uma descarga de liberdade, autoconfiança, subindo assim a auto-estima. Um traceur, ao conseguir ultrapassar um desafio (medo de cair, se magoar), automaticamente deseja continuar para evoluir a sua técnica. Parkour, sem dúvida, ajuda a ganhar coragem e a ter noção dos limites do corpo. A prática inconsciente do Parkour automaticamente deixa de ser considerada como Parkour. Todo o Parkour deve ser encarado com muita seriedade e consciência. É como se não déssemos limites para o que o nosso corpo pode fazer. Disponível em: [http://www.pkabc.com.br/le\\_parkour.html](http://www.pkabc.com.br/le_parkour.html). Acessado em: 15/07/2009.

tradicionais perguntas, “O que é isso que vocês estão fazendo?”, quase sempre seguida de uma expressão do tipo “Coisa de doido”, ou “Ah sim... não falta inventar mais nada!”.

Havia algumas câmeras de segurança do shopping viradas na direção da passarela, contudo, como estávamos em um equipamento público, não havia motivo para preocupação. Todavia, a certa altura, dois seguranças privados saem de uma porta lateral e observam curiosos a movimentação. Nada muito intimidador, mas essa vigilância começava a causar mal-estar em alguns dos *traceurs*. “Deixa eles olharem, estamos na rua” comentou um *traceur*, mas a tática de ignorar a presença dos seguranças parecia não funcionar.

Um dos organizadores do treino se encaminhou em direção ao seguranças: “Opa, boa tarde. A gente está aqui treinando na passarela . *Parkour*, vocês conhecem? Tá tudo tranquilo”, nesse momento foi interrompido por um dos seguranças. “Já ouvi falar sim, é que chegou um chamado aqui no rádio, mas tá tudo bem. Sabe como é a gente tem de averiguar, né.” Depois os seguranças falaram sobre alguns roubos na passarela, seguidos por parte do *traceur* de alguns comentários sobre a falta de iluminação. Incidente resolvido, o treino continuou normalmente até o cair do sol.

Ao final, parti em direção à estação de trem de Santo André, mais ou menos três quilômetros dali, acompanhado de mais três *traceurs*. Durante boa parte do percurso eles paravam e realizavam movimentos em lugares que julgavam interessantes. Aqueles que me acompanhavam já tinham desenvolvido um corpo *traceur*. O corpo do etnógrafo a essa altura ainda não havia adquirido essa

capacidade incorporada de explorar potencialidades lúdicas nos equipamentos urbanos.

No dia 4 de julho de 2009 realizou-se o encontro filosófico/teórico da PKABC. Nesse dia não houve treino físico, somente discussões sobre *Parkour* e a posição de PKABC em relação aos demais grupos. Foram discutidos os seguintes temas: 1) *Parkour* é ou não um esporte? 2) A influência do método natural e qual a sua importância. 3) Dinheiro x *Parkour*. 4) O *Parkour* está em evolução ou só os *traceurs* evoluem? 5) A importância dos vídeos da *internet*, o que deve ser absorvido e o que deve ser descartado. 6) Porque praticar *Parkour*? 7) *Parkour Park* (centro de treinamento de *Parkour*) ajuda ou ameaça? 8) Autorização para a prática perante órgãos públicos. 9) *Free Running* 10) *L'art du déplacement* (a arte do deslocamento).

O evento ocorreu no parque central de Santo André em um sábado pela manhã. A reunião começou inicialmente no palco do lago, lá se formou um círculo para organizar a discussão, porém, assim que a reunião iria começar, dois rapazes sobem na outra ponta do lago e acendem um cigarro de maconha. Alguns segundos de constrangimento depois, o *traceur* que organizava o encontro sugeriu que mudássemos para uns bancos na parte mais alta do parque. No caminho, alguns comentários sobre a segurança do parque, seria melhor sair de lá para “não nos confundirem com esses caras”.

Antes de começar a discutir os tópicos que foram selecionados a partir de sugestões feitas na comunidade da associação no Orkut, um dos *traceurs* comentou sobre o encontro Brasil-França de *Parkour*, que seria realizado na semana seguinte. Disse que não iria porque isso “não iria acrescentar nada para o *Parkour*”, para ele seria bem melhor “ficar treinando sozinho, vai me ajudar muito mais!” Outro *traceur*

ponderou que esses eventos não “ajudam” muito o *Parkour*, mas servem para encontrar um pessoal bacana de fora do estado e de outros grupos. Nesse caso haveria a possibilidade quase única de interagir com *traceurs* franceses. No dia do encontro, boa parte dos integrantes mais assíduos da PKABC estava presente.

A dinâmica da discussão deu-se da seguinte maneira: um *traceur* levantava um dos tópicos propostos, depois alguém pedia a palavra e dava sua opinião. As inscrições eram livres e não havia tempo fixo de intervenção. Ao final de cada tópico, produzia-se um pequeno resumo do que foi discutido e aprovado, uma opinião de consenso em nome da PKABC.

O primeiro tópico discutido sem dúvida é uma questão extremamente polêmica entre os *traceurs*, como já fora mencionado, bem como se colocou no início desta pesquisa como uma das maiores dificuldades em lidar com o objeto estudado. *Parkour* é esporte?

A discussão começou com a intervenção de um *traceur* que havia pesquisado a definição de esporte em dicionários, nessa pesquisa ficou claro para ele que o elemento competição encontrava-se em todas. Logo, o *Parkour* não seria um esporte, pois não comportava qualquer tipo de competição. Quanto a isso, havia consenso. Mas, se não é esporte é o que? “Estilo de vida”, “Arte urbana”, “Filosofia de treinamento”, foram algumas das tentativas de definição que apareceram.

No meio da discussão, apareceu uma questão sem dúvida muito interessante, e que nos revela muito sobre a relação desses grupos com o aparelho estatal. Disse um *traceur*, “Se não é esporte porque a gente vai mandar nosso projeto para a secretaria de esporte? Aí eles recebem lá e veem um pedido para realizar um trabalho que não é da área deles? A gente manda para a secretaria de cultura?”

Eles estavam falando sobre um projeto que pretendem realizar com a prefeitura a fim de realizar eventos de *Parkour* na cidade.

Nesse momento, um deles pede a minha opinião, “Ei Rafa, você que é antropólogo. Qual é sua opinião?”. Certamente esse é um dos momentos da pesquisa de campo mais delicados para um antropólogo. A possibilidade e implicações de interferir no “discurso nativo” me fez pensar muito nas implicações sobre a pesquisa. Mas topei o desafio e dei a definição sobre a qual vinha refletindo. “O *Parkour* é uma atividade ‘lúdico-desportiva’. Possui elementos de liberdade e espontaneidade lúdicas, mas também uma disciplina corporal fruto dos diversos elementos que ajudaram a construir a prática, entre eles os esportes. Mas como não há competições nem federações nem nada parecido, não precisamos definir como esporte.” Àquela altura ainda entendia que havia uma necessidade de uma classificação da prática, quando, na verdade, trata-se de uma tensão contínua entre esporte, estilo de vida e arte. Muito similar a que encontramos na brasileiríssima capoeira.

“Tá certo Rafa! Podemos adotar essa sua definição! Vou colocar no manifesto da PKABC deste modo”, disse o *traceur* responsável por redigir o documento. Foi a “autoridade” antropológica ou a definição em si que levou a essa atitude? A resposta não me parece bastante clara, porém esse episódio lembrou-me a proposição de Márcio Goldman de que não recupera pontos de vista de nenhum “nativo genérico”, mas sim de pessoas muito concretas, dotadas de particularidades, agência e criatividade (GOLDMAN,2006, p.24).

O tópico “dinheiro x *Parkour*” também fora bastante discutido. Além do episódio do comercial da marca OLK descrito anteriormente, levantou-se a questão

de como alguns *traceurs* ganham dinheiro para fazer coisas em nome do *Parkour* e não reverterem em nada para “ajudar a difundir a prática”. “Nós fomos convidados para falar naquele encontro em São Paulo e todo o cachê está depositado na conta da PKABC. Não acho certo o cara ganhar dinheiro com o *Parkour*. Uma hora ele vai ter de acabar escolhendo em treinar de verdade ou fazer coisas só para ganhar dinheiro. Aí perde todo o sentido de treinar cara!”

Nesse momento comentou-se o caso do *traceur* Akira. Com alguma indignação, e uma boa dose de deboche, Akira, *traceur* que ministra cursos de *Parkour* no centro da cidade, foi usado como um mau exemplo do que pode se tornar o *Parkour*. Akira cobra cerca de 80 reais para fazer uma *run* pelo centro da cidade ensinando movimentos básicos de *Parkour*. Ainda que seja próximo do Geração *Traceur*, essa atitude mostra-se incomum em São Paulo. Ao comentar o evento no encontro Brasil-França em seu *blog* Akira diz: “Engraçado como alguns como muitos praticantes no Brasil são contra muita coisas, como aulas de *Parkour*, mas acabam talvez usando “sem querer” o *Parkour* como mercadoria...Acho que precisamos tirar os rótulos dos eventos. Não tem de estampar como ‘evento do grupo tal!’, é preciso criar eventos com maior integração entre os *traceurs*.” Nota-se uma relação de distanciamento em relação ao Geração *Traceur*, entretanto, as críticas se dão em sentido oposto em relação à PKABC.

### **3.4 Encontro Brasil-França de *Parkour***

O Encontro ocorreu no dia 12 de julho de 2009 no parque da Água Branca em São Paulo. O evento fazia parte das comemorações do ano da França no Brasil. Havia uma grande estrutura de obstáculos montada que permaneceu boa parte do tempo cheia de *traceurs*, mesmo quando uma chuva gelada de inverno caía sobre a cidade.



FOTO 5 - *Traceur* treina em estrutura montada pela prefeitura no encontro

Encontravam-se no local centenas de *traceurs* de vários lugares do país, e também dois *traceurs* convidados vindos da França. O clima era de confraternização, fora as reclamações que havia muita gente nos obstáculos, o que às vezes impossibilitava os praticantes de treinar. O encontro estava localizado em uma parte pequena do parque. Nesse mesmo dia havia dezenas de outras atrações alusivas ao dia da França em São Paulo.

Não demorou muito para que alguns *traceurs* se dispersassem pelo parque em busca de locais mais tranquilos para treinar. Em pouco tempo todo parque

transformou-se em local de treinamento. Parte do grupo da PKABC junto com *traceurs* de São Paulo começaram a percorrer o parque em busca de bons locais para treinar. Na medida que os grupos se espalhavam, mais e mais *traceurs* exploravam as possibilidades dos equipamentos do parque para além da estrutura artificial montada pela prefeitura.



FOTO 6 - *Traceur* ultrapassa obstáculo no Parque

Após ter percorrido boa parte do parque, começou a ocorrer um concentração maior em frente a uma escadaria próxima à estrutura montada pela prefeitura. Nesse momento ocorreu o mais delicado embarço de campo de toda a pesquisa. Começamos a treinar saltos de precisão em frente a uma porta de vidro de um setor administrativo. A distância não era tão grande, mas a porta era rente demais ao

lugar de aterrissagem. Partíamos de cima de um canteiro em direção à porta e fazíamos o movimento inverso.

Em um certo momento tentei realizar o salto com mais velocidade e rapidez. Foi um erro fatal. Quando aterrissei, meus joelhos dobraram mais do que planejava e atingiram o vidro com força. Quando ouvi o som de vidro quebrado a primeira reação foi verificar se havia algum segurança do parque por perto. Sabia que se causasse algum problema para a organização do evento junto à prefeitura colocaria não só a pesquisa de campo em risco, mas também poderia afetar a possibilidade de realização de outras atividades.

Felizmente não havia nenhum guarda presente e não percebi maiores olhares de descontentamento. Contudo, a ausência dos guardas durou pouco tempo. Logo apareceram alguns para orientar em relação a não escalar os prédios e respeitar os demais usuários do parque. Fica claro que mesmo que a Prefeitura construa locais ao estilo *skatepark* a prática extrapolará os limites desse local. Trata-se de uma atitude incorporada.



FOTO 7 - *Traceurs* aguardam demais usuários para realizar um salto de precisão

No prefácio ao livro “Jovens na Metrópole”, Hermano Vianna faz uma interessante reflexão sobre jogos para celular que extrapolam o ciberespaço e utilizam as ruas das cidades como uma espécie de tabuleiro onde navegam os jogadores. Vianna imagina o momento em que esses jogos se popularizarem quando pessoas fisicamente próximas umas das outras estiverem participando de jogos-mundo completamente distintos. Para ele, esses jogos explicitam um aspecto intrigante da vida social nas grandes metrópoles: Mundos diferentes e complexos se sobrepõem uns aos outros (VIANNA, 2007,10).

Pode-se considerar o *Parkour* um jogo-mundo acessível somente pelo treinamento do corpo. É claro que se pode saber conhecer a história do jogo, saber suas “regras”, assistir jogadores no momento da ação, mas não se pode jogar! Simplesmente porque é o próprio corpo treinado que criará seu espaço de jogo. No caso do *Parkour* não se recebem coordenadas geográficas de um aparelho de GPS. Exploram-se potencialidades lúdicas da cidade a partir um dado incorporado. Quanto mais o *traceur* treina e percorre seus trajetos, maiores são as possibilidades de espaço de jogo.

Essa ideia ficou clara para mim em um momento inusitado. Até então tinha a ilusão que todos os problemas da pesquisa revelar-se-iam na pesquisa de campo, contudo, foi em um corriqueiro dia na USP que pude perceber o quanto já estava participando do jogo. Caminhava do prédio da História-Geografia em direção às Ciências Sociais quando reparei nas novas rampas construídas para facilitar o acesso ao prédio por cadeirantes. A primeira coisa que pensei foi: “Puxa, logo logo tem alguém treinando *precisão* ali”. Ao adentrar ao prédio comentei o fato com algumas pessoas.

Não passou nem um mês para que pudesse avistar um grupo de *traceurs* treinando exatamente naquele local. Certamente, antes de iniciar a pesquisa a última coisa que pensaria ao ver a rampa seria saltar de um corrimão para outro. Seria uma atitude estranha, patética, um tanto infantil. Naquele momento percebi o quanto tinha sido incorporado *no e pelo* jogo.

### **3.5 “Você descobre músculos que nem sabia que existia”: a memória incorporada**

Apesar de ter contato permanente com o *Parkour* nos últimos dois anos, sempre me considerei um “iniciante”. Por mais que tenha treinado, procurado pesquisar a respeito da prática, enfim, mergulhado em um novo universo, não era afetado da mesma maneira que meus “nativos”. Provavelmente isso nem seja desejável, já que a pesquisa antropológica não consiste em tornar-se nativo (GOLDMAM, 2006, p.28).

Partindo dessa constatação, passei a elencar como campo privilegiado os treinos organizados para iniciantes. Nesses treinos tinha acesso aos mais variados discursos sobre como começar a praticar, bem como podia observar como cada iniciante se inseria naquele novo universo.

No final de fevereiro de 2010, depois de uma ausência relativamente longa dos treinos devido a problemas pessoais, compareci a uma oficina para iniciantes organizada pelo grupo *Geração Traceur*, em São Paulo. Essa oficina era radicalmente diferente dos treinos que até então havia frequentado. O evento era altamente organizado, custava R\$25,00 a inscrição que deveria ser paga previamente pela *internet* e possuía um número limitado de vagas.

O local do treinamento era uma oficina de reciclagem de uma ONG que ficava embaixo de um viaduto no bairro do Sumaré. Portanto, era o primeiro em um espaço fechado presenciado ao longo da pesquisa, mais, era o primeiro treino em que se assumiram posições de instrutor e aprendiz.

Os instrutores eram *traceurs* experientes do grupo, devidamente uniformizados com suas camisetas e calças pretas. Alguns deles eu já conhecia, mas, era a primeira vez que treinava com os mesmos. Nas outras ocasiões em que os pude encontrar, geralmente estava acompanhado do pessoal da PKABC, que, como já foi mencionado, mantém relação de distanciamento em relação ao *Geração Traceur*. Esperava certa desconfiança que logo foi se dissipando, na verdade, fui recebido muito bem sem nenhum tipo de desconfiança.

Na verdade, a desconfiança estava em mim, devido a escolha de inserção em campo estar muito afetada pelas concepções da PKABC que de, certa forma, ligava-se às minhas convicções políticas. Esse treino como iniciante, depois de quase dois anos de pesquisa, foi fundamental para poder reavaliar o quando estava construindo um discurso informado unicamente por teorias nativas. Não se tratava de achar o “verdadeiro” *Parkour*, mas de ser capaz de acompanhar os desdobramentos das possibilidades que a prática proporciona e que eu poderia verificar em campo.

O treino começou por volta das 14h em dia de garoa atípica para a época do ano em São Paulo, éramos por volta de 30 pessoas, a maioria jovens de 15 a 30 anos, em sua maioria também homens. O treino começou com uma pequena apresentação de cada instrutor e dos participantes que contavam como conheceram o *Parkour* e o grupo. Novamente a *internet* apareceu como principal meio de difusão.

Feita a apresentação partiu-se para o aquecimento. Antes, um *traceur* com formação em Educação Física fez uma longa apologia dos benefícios do

aquecimento na prevenção de lesões dizendo que os vídeos que as pessoas assistem na *internet* são de *traceurs* mais experientes e só mostram o momento da *run*<sup>23</sup> que normalmente é precedida por um intenso aquecimento.

Partimos então para uma corrida em marcha em fila indiana. O galpão era relativamente grande, o que permitia que alternássemos o ritmo e velocidade da corrida, além de contornar objetos de escritório colocados de modo a formar uma espécie de circuito. A todo momento, os instrutores nos alertavam para não cansar porque o treino mal havia começado. De fato, seria o treino fisicamente mais exigente que havia participado até então.

Após a corrida, começamos a fazer os exercícios de quadrupedia e agachamento. Dessa vez os instrutores verificavam se cada um estava fazendo do modo que fora recomendado. A nessa altura, o corpo sedentário do etnógrafo já dava sinais de cansaço.

Logo mais passamos para os exercícios de fortalecimento muscular baseados no Método Natural já citado na dissertação. A cena de várias pessoas marchando, correndo com mão e pernas no chão, saltando e fazendo exercícios de agachamento coordenados lembrava muito mais um regimento militar do que as aulas de Educação Física do Ensino Médio.

Percebendo a estafa física da maioria dos participantes, os instrutores passaram a um treino de técnicas de ultrapassagem dos objetos. Havia sido montada uma estrutura artificial simulando um percurso na cidade similar à que fora montada no encontro Brasil-França no ano anterior.

---

<sup>23</sup> Como é conhecido o momento do percurso de um ponto A para um B.



FOTO 8 - Detalhe de estrutura similar à montada na oficina.

Foram divididos dois grupos: de um lado as pessoas que já tinham treinado em alguma outra vez, e de outro pessoas totalmente iniciantes. Fiquei entre os mais “experientes”. O objetivo do exercício era ultrapassar de modo mais “natural” possível um escritaninha que estava encostada na parede. Mais uma vez formou-se uma fila indiana e partimos para o exercício.

“Não tente imitar os vídeos”, a todo momento os instrutores se preocupavam em deixar isso bem claro. “Faça do modo como seu corpo permitir, não existe um modo certo, mas sim um modo seguro de se fazer”. Os instrutores procuravam ressaltar o lado “natural” dos movimentos. “Não adianta você querer fazer igual ao carinha da internet e se machucar. Deixe que seu corpo conduza seus movimentos de modo fluente”, aconselhava-me um instrutor após uma pequena queda.

Para os *traceurs*, o corpo é o lugar e nossa maior defesa contra as imprudências e excessos que podem ser cometidos na busca de uma performance exibicionista, como ressalta Foucan “Listen to your body – it knows best” Ouça seu Corpo!

No one knows my body better than me, because i listen to what it is telling me. Doctors and physical therapistis always ask you how you feeling and to describe the pain you have because only you are in the best position to know what is happening to your body – so don’t shut yourselfe off to the signals it gives you. If you ignore it, don’t be surprised when you start to suffer pain an injuries After nineteen years of feerunning, I have developed a special sensitivity to my body, so hen I feel pain I automatically adapt my practicing or stop if I know it is too much for my body to take. (FOUCAN, 2008, p. 51).

Ficamos treinando com móveis de escritório improvisados por mais ou menos uma hora, isso, somado a mais uma hora de exercícios de fortalecimento muscular fazia com que cada novo passo ou salto só fosse possível graças a um grande esforço. Parecia sentir cada tendão nas articulações das pernas.

Mais quinze minutos e não conseguia mais praticamente me mexer. Enquanto parte dos presentes continuava os exercícios, prostei-me perto de uma parede como se tivesse corrido uma maratona, eis que um instrutor se aproxima e pergunta: “O que foi cara, machucou?”, após uma resposta negativa diz, “Ah, então porque está parado, bora treinar!” Argumentei em tom de brincadeira que tinha me tranformado em uma usina de ácido láctico<sup>24</sup> ao que me respondeu: “ Qué isso cara! É justamente agora que seu corpo vai acessar coisas que você nem sabia que era capaz. Você descobre músculos que nem sabia que existia!”

---

<sup>24</sup> Substância produzida nos músculos responsável pela sensação de fadiga.

No qualificação desta pesquisa fui perguntado sobre o lugar da memória nessa prática, no caso dos pichadores, por exemplo, podemos ver suas marcas pela cidade, eles deixam seus traços, vestígios. E no caso do Parkour? Onde estará a memória? Certamente o corpo é um lugar de memória.

Para os *traceurs* o corpo é um meio de ligação com lugares e situações que só são possíveis de ser percebidos após o treinamento. É o corpo que vai guardar essa memória de como acessar esses novos territórios lúdicos. Por mais que se possa assistir vídeos de *Parkour*, sem esse acúmulo de memória corporal não se consegue desenvolver *na* e *pela* prática. Só a prática dá acesso a universos inacessíveis para um corpo não treinado.

### **3. 6 “Aprender a ser afetado”: reflexões sobre corpo, treino e cidade**

Como lidar com as fronteiras borradas entre sujeito e objeto, cidade e corpo encontradas na observação da prática de *Parkour*? Bruno Latour, em um texto de 1999 intitulado “*How to talk about the body? The normative dimension of science studies*”, ajuda-nos a repensar parte dos pressupostos da visão “moderna” sobre o corpo. O autor rejeita enxergar o corpo como sujeito e o mundo como objeto, antes, convém entender o corpo como uma interface passível de ser afetada pelos componentes do mundo que o circundam e que, conseqüentemente, se constitui no mundo e, simultaneamente, constitui o mundo:

É esta a consequência directa do argumento de Vinciane Despret, inspirado nas ideias de William James sobre as emoções: ter um corpo é *aprender a ser afetado*, ou seja, “efectuado”, movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas.

Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto. Armados com uma definição tão “pato-lógica” de corpo, livramo-nos da obrigação de definir uma essência, uma substância (o que o corpo é por natureza). Em vez disso, como argumentarei neste artigo, podemos procurar definir o corpo *como uma interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afectado por muitos mais elementos*. O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo superior – uma alma imortal, o universal, o pensamento - mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo. (LATOURE, 2004)

Latour utiliza-se de um exemplo peculiar para esclarecer sua noção de corpo: a forma como pessoas da indústria de perfumes são treinadas a reconhecer e diferenciar odores. A situação de aprendizagem é organizada com o uso de uma “maleta de odores”, na qual fragrâncias estão organizadas em um contínuo que vai desde as distinções mais marcantes até as mais sutis. Trata-se, caso se empregue linguagem behaviorista, de uma típica situação de aprendizagem de discriminação de estímulos. (ARENT & COSTA, 2005, p. 64)

Como entendemos o que acontece ao longo das sessões de treinamento? Para os modernos, as pessoas irão aprender a representar cada vez com maior riqueza de detalhes cada um dos odores de forma que, diante de cada uma das fragrâncias, mesmo as mais semelhantes para um leigo, serão capazes de reconhecer sem erro de que perfume se trata. De acordo com essa leitura, as pessoas treinadas foram modificadas pela ação do perfume, isto é, sofreram a ação do meio ambiente a que foram expostas e conseguem apreender as mínimas diferenças de perfumes que existem no mundo. Latour argumenta que essa forma de compreensão, característica do modelo representacionista, requer a existência de um corpo (o sujeito), de um mundo externo (o objeto) e de uma linguagem que possibilitará ao sujeito (o corpo) representar o mundo (os aromas). Essa concepção implica que o sujeito já está dado como uma essência previamente definida, prescindindo da aprendizagem (da afetação pelo mundo) para se constituir como tal.

Da mesma maneira, o mundo também já está estabelecido *a priori* e, portanto, não tem como ser modificado em sua essência por qualquer ação do sujeito. Sendo assim, teríamos de considerar dois tipos de fragrâncias, as que estão no mundo, em sua constituição química, e as que estão no corpo na forma de representações. Cairíamos, então, em uma discussão sobre quão acuradas são essas representações. (ARENT & COSTA, 2005, p.64)

Para fugir dessa armadilha, Latour propõe uma visão menos naturalizada sobre a relação corpo-mundo. Os corpos se modificam no treinamento, mas isso só se pode acontecer devido a articulações variadas que modificaram o Mundo, desde químicos capazes de isolar composições atômicas, passando por instrutores com materiais de aprendizagem. Essa articulação entre atores humanos e não-humanos levará sempre a novas articulações, portanto, produzirá novos corpos e novas fragrâncias.

“*Aprender a ser afetado*”, talvez essa seja a melhor maneira de entender a capacidade do corpo *traceur* treinado de modificar não só seu corpo, mas também o mundo, nesse caso a cidade. O corpo *traceur* é afetado por diversos elementos: o tipo de grupo que treina, os métodos de treinamento, o meio urbano. Concomitantemente, isso só foi possível na medida em que meios técnicos como os *sites* de compartilhamento de vídeos, por exemplo, possibilitaram uma ampla difusão dessa maneira nova de ler a cidade. Esta, por sua vez, também se modifica quando esses grupos produzem uma cidade acessível apenas para um corpo treinado, tornando ainda mais importante que o etnógrafo utilize-se do seu corpo como um imprescindível instrumento metodológico.

Um termo que julgo apropriado para falar destas camadas de diferenças é o de *articulação*. Antes de passarem pela semana de treino, os alunos eram inarticulados, não só no sentido de lhes faltar uma sofisticação consciente e literária, ou de serem incapazes de falas sobre odores; eram igualmente inarticulados num sentido mais profundo e mais importante: odores diferentes suscitavam o mesmo comportamento. Independentemente do que acontecesse no mundo, manifestava-se sempre o mesmo sujeito obstinadamente aborrecido. (LATOURET, 2009, p.43)

Antes de começar a treinar meu corpo era inarticulado, respondia aos “odores” da cidade de maneira padronizada, seguindo o fluxo “normal” que separa lugares para lazer e lugar para passagem. Ao passar a treinar, meu corpo articulado pode ser afetado pelos outros, posto em movimento por novas entidades humanas e não-humanas. Assim, sem o advento do desenvolvimento dos *sites* de divulgação de vídeos provavelmente não seria capaz de fazer essa articulação que me permitiu acessar a cidade lúdica em que os *traceurs* habitam.

Quando as *articulações* foram desenvolvendo-se, mais ficava sensível às nuances da cidade que estava construindo, bem como mais atento para as diferenciações entre as formas de se praticar *Parkour* possíveis. Cada vez mais a ideia de grupos coesos, ou uma vã noção de totalidade sobre a prática foi se dissipando, “as articulações podem facilmente proliferar sem deixarem de registrar diferenças. Pelo contrário, quanto mais contraste se acrescenta, *a mais diferenças e mediações se fica sensível.*” (LATOURET, 2009, p.44)

Durante boa parte da pesquisa trabalhou-se com a ideia de que o Parkour era uma “forma de apropriação lúdica da cidade”. Todavia, a ideia de apropriação passava a causar um certo incômodo a partir do momento em que as fronteiras entre sujeito e objeto foram ficando menos claras. Ao falar de “apropriação da

cidade” parece que se apropria de algo dado, algo que está pronto e que por algum motivo tinha seu uso interdito.

Ao longo da pesquisa ficou claro que não era disso que se tratava. A cidade lúdica do *traceur* não estava lá pronta para ser “retomada”. Nem sequer estava disponível apenas por uma mudança na forma de “ver” os equipamentos urbanos. É uma cidade singular, criada, ou articulada a partir de um treinamento do corpo que permite perceber qualidades até então inacessíveis para um corpo não treinado.

## CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa a questão do corpo foi tomando uma centralidade até então não prevista no projeto inicial de análise, como se procurou mostrar ao longo do trabalho essa centralidade foi solidificando-se na medida em que o corpo mostrou-se um elemento central no discurso *traceur*.

Durante algum tempo temia-se enveredar para uma “antropologia do corpo”, deixando de lado uma análise da condição urbana. Finalmente, com a dissolução da cidade cenário nos pressupostos da pesquisa pode-se avançar na direção de uma Antropologia que acompanha o processo de constituição de uma prática e não uma Antropologia de um objeto pronto.

Desse modo, ao seguir o que o *Parkour* diz, pode-se refletir sobre as relações entre corpo e cidade tanto numa perspectiva histórica, em que a advento da “sociedade de controle”, com a crise dos regimes de confinamento, mostra-se central, bem como numa perspectiva etnográfica mais “tradicional” por meio de observação participante em treinamentos de *Parkour*.

Pode-se entender a relação entre espaço e corpo do ponto de vista de seu Agenciamento de Enunciação, para usar um conceito de Guattari. Nesse sentido, os espaços construídos vão além das estruturas visíveis e funcionais. São máquinas de sentido, de sensação, portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador, bem como no de um “re-singularização libertadora da subjetiva individual e coletiva”(GUATTARI, 2008: 158). As interações entre corpo e o espaço

construído se desdobram por meio de campos de virtualidade. A *jogo/Parkour* é uma forma de explorar esse campo de virtualidade entre tantos outros possíveis.

A cidade pode ser entendida como um lugar, por excelência, do *possível*. Trata-se de não se deixar levar por análises apocalípticas de uma saturação das possibilidades. É preciso voltar a pensar a cidade como um universo dissonante e pluralista. Detectar em cada esquina forjadores de pluriversos e multimundos, não somente um homem unidimensional e cosmopolita (PELBART, 2000, p.48).

Nesse sentido não estamos tratando mais de múltiplos pontos de vista sobre a mesma cidade, mas sim de múltiplas cidades em cada ponto de vista, unidas pela sua distância e ressoando por suas divergências (RAJCHMAN, 2000, p.412). “Habitamos, portanto, a metrópole. Não existe nenhum espaço completamente racional, nenhum espaço completamente adequado, e a alternativa entre topia e utopia já não define nossas possibilidades” (RAJCHMAN,2002, p.412).

Desta maneira, afasta-se aqui do corpo passivo de Sennet, esse corpo que a tecnologia de locomoção moderna (automóveis, auto-estradas...) transformou o junto com o espaço urbano em um mero local de passagem, levando o indivíduo moderno a uma “crise tátil”(SENNET,2001, p. 296).

O corpo traceur movimenta-se justamente onde se enxergava somente uniformização. Uma etnografia que pretenda recolher essas possibilidades geridas nesse espaço precisa seguir esse movimento. Do contrário estará fadada a contemplar corpos e espaços movidos, mas, imóveis.

**BIBLIOGRAFIA**

ANDRIEU, B. *A nova filosofia do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

ARENDT, Ronald João Jacques. & COSTA, Carlos Alberto Marconi da. O corpo como fe(i)tiche –Possíveis contribuições do pensamento de Bruno Latour para a Psicologia. In: *Mnemosine* Vol. 1, n. 2 (2005) .

BENJAMIN, W. “Walter Benjamin”. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1991.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

BRITTO, Fabiana & JACQUES, Paola. Corpocidade: *Arte enquanto micro-resistência urbana*. Fractal: Revista de Psicologia.V. 21, n. 2. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BORDEN, Ian. *Skatebord, Space and the city*. Oxford, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34-Edusp, 2000.

COURTINE, Jean Jaques. *Introdução. História do Corpo: As mutações do Olhar: O século XX*. Petrópoles: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 2007.

EDUARDES, Dan. *The Parkour and Freerunning Handbook*. New York: HarperCollins, 2009.

FERRO, Lígia. *Trajetórias, representações e contextos do parkour na cidade de Lisboa*. Atas do 31º Congresso Anual da ANPOCS. In. [http://201.48.149.89/anpocs/22\\_11\\_2007\\_12\\_28\\_19.pdf](http://201.48.149.89/anpocs/22_11_2007_12_28_19.pdf) .

FOUNCAN, Sebastien. *Freerunning: the urban landscape is your playground*. Berkeley: Ulysses Press, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

GOLDMAN, Márcio. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro; 7letras, 2006.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005. LE CORBUSIER. *A carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec, 1993.

INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. New York: Routledge, 2007.

LATOUR, B. *How to talk about the body?: the normative dimension of science studies*. 2004. Disponível em: <<http://bod.sagepub.com/cgi/reprint/10/2-3/205.pdf>> Acesso em: 15 de junho de 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed.: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o Virtual ?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol.17, n. 49, 2002.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MATOS, Olgária C.F. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PELBART, P. P. *Cidade, lugar do possível*. In: \_\_\_\_\_. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo, SP: Iluminuras, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (org. Éric Alliez). São Paulo: Editora 34, 2000.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

OLIC, Maurício. “De quebrada para quebrada”: por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole. *Revista Ponto Urbe*. In. <<http://n-a-u.org/pontourbe03/Bacic.html>> acesso em 01/06/2010.

POCIELLO, Christian. *Le futur comme une nouvelle forme d'enjeu*. In. CLEMENT, J.P., DEFRANCE, J. & POCIELLO, C. *Sport et pouvoirs au XX<sup>e</sup> siècle*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1994.

RODRIGUES, André Figueiredo. *Como elaborar e apresentar monografias*. 2 ed. atualizada, São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

\_\_\_\_\_. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org<sup>a</sup>). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Editora Estação Liberdade: p. 115 – 120, 1995.

\_\_\_\_\_, *Les cultures Sportives*, Paris: PUF, 1999.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. Org. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

\_\_\_\_\_. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. IN: *Motivivência: Revista de Educação Física Esporte e Lazer*, N15, 2000. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5585/5373>> acesso em 12/06/2010.

RAJCHMAN, John. *Construções*. Lisboa; relógio D'água, 2002

\_\_\_\_\_. Existe uma Inteligência do Virtual? In. ALLIEZ. (org). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed 34, 2000.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: um estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005.

TOLEDO, Luis Henrique de. Corporalidade e festa na metrópole. In. MAGNANI, José Guilherme Cantor e SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs.) *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de Lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

VIANNA, Hermano. Introdução. In. MAGNANI, José Guilherme Cantor e SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs.) *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de Lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

Foto 1: <<http://citynoise.org/upload/2248.jpg>> acesso: 13/11/2010.

Foto 2: < <http://parkour-videos.com/parkour-rules-athlete-dont-fall/david-belle-with-dame-du-lac/>> acesso: 13/11/2010.

Foto 3: <<http://parkoursaopaulo.blogspot.com/>> 13/11/2010.

Foto 4: <<http://parkoursaopaulo.blogspot.com/>> 13/11/2010.

Fotos 5 a 8: Rafael Adriano Marques.